

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO III

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1915

Nº 27

Grupo mantenedor: Bertholdo Klinger, Pompeu Cavalcanti, Maciel da Costa, (redactores); Estevão Leitão de Carvalho, Joaquim de Souza Reis, Francisco de Paula Cidade, Lima e Silva, Mario Clementino, Parga Rodrigues, Jorge Pinheiro, Euclides Figueiredo, Taborda, Amaro Villa Nova.

SUMMARIO

EDITORIAL

Pela campanha nacionalista

PARTE JORNALISTICA

O voluntariado não basta.....	1º Tte E. Leitão de Carv.
O 7 de Setembro de 1922.....	1º Tte Castro Ayres
Serviço militar obrigatorio.....	1º Tte Alves Tavora
Comparação dos efeitos do fogó.	2º Tte Newton Cavaleanti
Questões para a minha arma.....	2º Tte Mario Travassos
Escola de applicação para officiaes superiores — Diversas cartas....	Brazilio Taborda
Considerações administrativas....	Cap. int. A. L. de Carvalho
Questões à margem.....	1º Tte B. Klinger
Tendas abrigo..... {	Capitäes : M. Pontes, L. Costa e Souza Castro
Serviço de saude em campanha ..	Cap. Dr. P. de A. Pessoa de Mello
Fuzil Mauser M. 1908.....	Cap. L. P. M. de Andrade

NOTICIARIO

Cavallo de guerra — Relatorio da columna do sul —
Censura severa, prisão correccional e cancellamento — Sociedade Hippica Brasileira — Livros recebidos — Expediente.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, POMPEU CAVALCANTI e MACIEL DA COSTA

N.º 27

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1915

Anno III

EDITORIAL

Pela campanha nacionalista

NA discussão dos vários problemas morais e políticos que ora se agitam em nosso paiz, o que mais impressiona é a confissão de desânimo que logo se apodera daquelas que, ao primeiro gesto, parecem delinejar a construção de uma imensa Babilônia.

Já um illustre professor da sciencia jurídica teve a propósito da campanha do Sorteio, esta phrase característica e *tranquillissadora*, pronunciada n'um piscar de olhos significativo deante de seus discípulos assustados:

"... o caso, ficae certos, não vae além desse noticiario da imprensa."

O velho professor era sincero e experimendo. Essa ducha de agua fria que isava extinguir o fogo sagrado da campanha de Bilac provinha da mesma fonte que a emoliente agua morna com que, dentro em breve, ia elle afeiçoar uma operação sem vigor:

"... eu vos incito a cultivar o espirito de justiça constantemente e com vontade de fazel-o, a amar o direito, a divindade do futuro, e permitti que, ao terminar, eu vos faça um pedido: Amigos, vindem commigo, vamos! nada de temores, jistae-vos ao meu lado nos exercitos da paz que são os da civilisação."

E' cedo, em todo o caso, para que os adiantados pioneiros, generaes da civilização, possam prelhar o sabor de suas curiosas prophecias.

Ha uma necessidade moral que nos leva a acreditar esteja o povo brasileiro, em data não mui remota, inteiramente de posse de sua eclipsada lucidez.

Nessa bemdita cruzada nacionalista para a qual se augurou a vida ephemera dos jornaes, ha nomes tão respeitaveis e tantos espíritos de escól que, sinceramente, não cremos tragam só desillusões.

Si o genio de Von der Goltz organizou grupos de exercitos e definiu nacionalidades ao eloquente appello technico de sua **Nação Armada**, aos nossos grandes poetas e intellectuaes de valor cumple, antes de tudo, desassombrar a alma nacional.

Ouvi então, ó afoitos visionarios, o que vos dirá um poeta:

"Ser lavrador antes de ser soldado é plantar para o inimigo."

Ouvi desde já, ó impassíveis e ingenuos compatriotas, esta desoladora revelação: "No coração do Brazil já pulsam terras argentinas."

**

Não se fez para nós o desanimo nem a pusillanimidade. Somos modestos, sem duvida, mas essencialmente verdadeiros. Quando mesmo o Presente nos diminúa e anniquille, A *Defesa Nacional* perdurará como um protesto de officiaes do Exercito em face de tanta insanía.

Uma medida de aperfeiçoamento impõe-nos a rude franqueza e o maximo desprendimento. E' positivamente preciso que não mintamos á Nação e fiquemos á prova do exigido sacrificio.

Confessar as proprias faltas, procurar corrigil-as, esforçar-se por evitá-las, não fugir ás responsabilidades é um programma que temos como altamente edificante e efficamente moralisador.

Pugnemos sempre pela dignidade e compostura dos cargos que exercemos.

Sem isso as forças armadas serão cumplices no seu proprio esphacelamento e o mais leve incidente poder-se-á transformar em facto da maior gravidade.

* *

Ajudemos então a nobre cruzada nacionalista. Seja o Exercito o primeiro a alistar-se em suas hostes, visando, antes de tudo, ser um Exercito de verdade.

Saiba, porém, a Nação que o voluntariado não basta.

E saibam, Exercito e Nação, tirar as justas consequencias.

O voluntariado não basta

Nosso presado companheiro Leitão de Carvalho publicou no *Imparcial* de 17 de Novembro um excellente artigo, sob o titulo «O serviço militar obrigatorio», do qual com a devida venia transcrevemos os trechos seguintes :

«O nosso Exercito, quando as unidades que o constituem estiverem todas organizadas, terá um efectivo approximado de 34.000 homens. Mas no anno corrente, e, certamente, no anno futuro, as dotações orçamentarias só fornecem recursos para a manutenção de 18.000.

Muitos dos corpos de tropa ficaram, em consequencia, reduzidos aos quadros dos officiaes, na impossibilidade de se lhes attribuir efectivo em praças.

Se considerarmos que o serviço sob as bandeiras é entre nós de dois annos para todas as armas, é facil concluir que o contingente dos que completam o tempo por que se alistaram, corresponde annualmente á metade do efectivo do Exercito : 9.000 no corrente anno, 17.000 quando todas as unidades estiverem organizadas.

E', portanto, com o numero de vagas que

oscilla entre esses dois limites extremos que devemos contar annualmente para refazer as fileiras do Exercito.

Ora, se a incorporação dos voluntarios se tivesse realizado em um só dia, em todos os corpos de tropa, a exclusão dos homens já instruidos dar-se-ia tambem em epocha fixa, de forma que o exercito activo reintegraria annualmente, de uma só vez, na sociedade civil um contingente de 9.000 homens aptos para o manejo das armas. Robustecidos pela gymnastica, educados no culto á bandeira e no devotamento á patria, elles seriam incluidos na reserva deixando logar para a incorporação de um novo contingente, que, depois de dois annos, iria augmentar ainda a reserva.

Eis em que consiste a função social do exercito permanente, nessa osmose com que continuamente recebe, prepara no mistér das armas e restituí á actividade civil a parte mais sã da mocidade nacional.

Mas, até agora, os factos se tem passado de maneira muito diversa. O voluntario com que preenchemos, ha duas décadas, os claros abertos nas fileiras do Exercito apresenta-se nas casernas em epocha incerta, no decorrer de todo o anno, fazendo-se a incorporação em quasi todos os dias.

Já uma vez tivemos occasião de assignalar os inconvenientes desse sistema de recrutamento, mostrando que em um dos batalhões de caçadores desta capital, durante os dez primeiros meses de 1913, foram incluidos 53 homens, nas epochas seguintes :

Referindo-nos a esses recrutas, trazidos para a caserna por necessidades pessoais, e que, pela irregularidade da incorporação, eram um impecilho à marcha normal do ensino, dizíamos :

Esse contingente compõe-se, em sua quasi totalidade, de homens analphabetos e sem profissão ; alguns dentre elles eram vadios criados sem paes, outros apresentam nos organismos rachíticos e depauperados todos os estigmas de uma infancia sem pão, passada á gandaia».

E querendo pôr em evidencia a insuficiente robustez physica desses voluntarios, citámos os onze mais fracos dentre elles, ou sejam 20,8% do contingente, provindos de todos os Estados, dos quaes só um attingia a estatura média de homem. Só um dentre elles tinha a circumferência do thorax de 0,82 e se achava acima do «mínimo» apresentado por de Quatrefages ; em compensação, 10 em 11, ou 99,9%, achavam-se abaixo desse mínimo, havendo um homem de 23 annos com a circumferência thoracica de 0,71.

Dentre esses 11 homens, 9 pesavam menos de 50 kilogrammas e havia 2 que pesavam menos de 44 !

Eis a que está reduzido, como numero e qualidade, o voluntariado do Exercito, que se quer convencer a nação, numa tirada de «lyrismo militar», ser o bastante para com elle se organizar a reserva com que teremos de augmentar os efectivos na passagem do pé de paz para o de guerra !

E' verdade que o Congresso Nacional fixou duas épocas (janeiro e julho) para a incorporação de voluntarios, no corrente anno, mas essa medida, que seria de grande alcance se ficasse reduzida a uja época só, não pôde produzir os resultados que eram de esperar, porque vinhamos

de um exercito de 23.000 para outro de 18.000, onde havia, portanto, 5.000 homens a mais dos recursos orçamentarios.

Por isso, só depois que, dia por dia, forem os actuaes soldados voluntarios completando seu tempo de serviço, se abrirão os claros para serem preenchidos pelos conscriptos trazidos á caserna pelo sorteio. Portanto só no fim do anno de 1916 — se não aceitarmos, até lá, novos voluntarios, nem consentirmos no engajamento e reengajamento dos que já servem nas fileiras — poderemos ver realizada essa aspiração republicana, de alto valor democratico, que é a generalização, entre o povo, do manejo das armas.

E para que não se nos intimide com os arcana constitucionaes, é preciso fique desde já consignado que, da composição do contingente, não serão excluidos os voluntarios. Mas é preciso ter também presente que os voluntarios que vão correr com a mocidade brasileira que completa seus 21 annos de edade, não pôdem ser os actuaes, para cuja aceitação nem se fixaram datas, nem se impuzeram condições de ordem moral; e ás mesmas de ordem physica, estabelecidas em lei, fazia-se vista grossa, com receio de ficarmos com as caseinas desertas, se não aproveitassemos essa concorrencia depurada por uma selecção invertida.

E' claro que o voluntariado tem de ser regulamentado (ao que não se oppõe a Constituição...) e que os candidatos ás vagas do Exercito só pôdem provir da classe que nesse anno tenha de ser incorporada.

Exemplifiquemos.

Admittindo para o Brasil uma população de 20 milhões de habitantes, a classe dos jovens de 21 annos, aptos para o serviço, não pôde ser inferior a 200.000. Mas, como já mostrámos, o Exercito só pôde receber annualmente de 9 a 17 mil, que serão tirados daquela total por meio da sorte, como estabelece a lei do «sorteio». Os alistados restantes, constituindo a quasi totalidade da classe, terão de ser instruídos nas linhas, e incorporados ao Exercito durante um curto periodo, de duas a quatro semanas, para as manobras das grandes unidades.

Portanto, só de dentro da classe que tem de ser sorteada para a incorporação, poderão sair os voluntarios. E isso por uma razão simples: para que o Exercito de campanha — que é o exercito activo com a sua reserva — seja composto de classes homogeneas, igualmente jovens, em que os homens ofereçam o maximo da cohesão e resistencia.

E se a mesma classe tem de fornecer os sorteados e os voluntarios, é de toda vantagem, quer para o Exercito, quer para a Nação, que estes sejam os jovens mais capazes, os mais ardorosos e que tenham natural pendor para o serviço das armas.

Está, pois, evidente que, regulamentando o voluntariado, fixada a epocha de sua incorporação, a idade e outras condições a que elle deve satisfazer, poderão ser preenchidos os claros do Exercito com uma classe unica, em que se dê preferencia ao voluntario e se reservem as vagas restantes aos sorteados — tudo dentro da Constituição...

E esse voluntariado não entrava em nada a progressiva organização das reservas, porque provém da mesma classe dos sorteados, é incluido e excluido no mesmo dia que os conscriptos.

Mas, enquanto não entramos nesse regimen simples e efficaz, poderemos, já no proximo anno, incorporar em dia certo os voluntarios que satisfazam as condições, deixando os claros restantes para os sorteados, sejam embora em numero insignificante, e mesmo que não bastem para o completo efectivo do Exercito.

O que se impõe é que se sorteiem alguns e se faça a incorporação, porque assim entra em vigor a lei do serviço militar obrigatorio, de que o «sorteio» é apenas uma operação, ficando a classe alistada e não Sorteada no dever de receber a instrucção militar nas linhas de tiro.

Será, então, o inicio da organização das nossas reservas.

07 de Setembro de 1922

Um choque electrico parece ter abalado a nossa Patria, despertando energias adormecidas. Diante da grandeza da terrível hecatombe que convulsiona o velho mundo, um sentimento de desassozego e duvida e, porque não dizel-o, de serios receios pela nossa segurança e independencia, invade as camadas sociaes, todos sentindo a necessidade de estarmos aptos para a defesa da nossa integridade e existencia como nação independente.

O serviço militar obrigatorio, meio pratico e seguro de conseguirmos ser fortes e mantermos unido o nosso grande paiz, já encontra fóra das classes armadas, fortes e dignos defensores, nas pessoas dos illustres homens de Estado, Drs. Nilo Peçanha, Pandiá Calogeras e Miguel Calmon e no grande homem de letras Olavo Bilac.

Elabora-se no Congresso Nacional a reorganização da Guarda Nacional, passando-a para o Ministerio da Guerra e dando-lhe organização identica á do Exercito activo; é de prever pois, que em 1922 tenhamos organizadas 5 divisões da Guarda Nacional.

Esperamos que nesta epoca, o serviço militar obrigatorio em plena florescencia, nos tenha dado um bom numero de reservistas e que o regimem das massas nos tenha permitido acumular grandes stocks de guerra, portanto o nosso sonho presente, esboçado nas linhas que se seguem, tenha se materializado a 7 de Setembro de 1922, deslumbrando-nos com o seu brilho e dando ao estrangeiro a prova a mais positiva da nossa força e grandeza.

Nesse dia, em que teremos de comemorar o centenario da nossa indepen-

dencia, não é muito tudo o que fizermos para o fulgôr da data que mais cara nos deve ser. Assim pois, trabalhemos para isto.

Idealisamos para 1922 uma mobilização total do nosso Exercito e sua concentração parcial na Capital Federal e a mobilização total da nossa Esquadra.

A ordem de mobilização expedida a 1 de Setembro, seguir-se-á a de concentração na Capital Federal, de parte da 2^a Divisão de Exercito e do total das 3^a, 4^a e 5^a Divisões, 4^a Brigada de Cavallaria e 3^a Divisão da Guarda Nacional com sede nesta Capital e a concentração em um ponto do Rio Grande do Sul, das 1^a, 2^a e 3^a Brigadas de Cavallaria, para manobras em conjunto.

A 7 de Setembro uma grandiosa parada em uniforme de campanha se fará, com todas as forças concentradas, bem como uma imponente revista naval, seguindo-se as grandes manobras.

Com as tropas não concentradas se farão pequenas manobras de guarnição; no Rio Grande as Brigadas de Cavallaria resolverão um tema estratégico e nesta Capital, poderá o nosso Grande Estado Maior organizar uma grande manobra, em que parte do Exercito concentrado, com a nossa Esquadra e os elementos da Defesa do Porto, desenvolverá o tema do ataque e defesa da Capital Federal, sendo aquele executado pela Esquadra com toda a 4^a Divisão embarcada em navios do Lloyd e esta pelos submersíveis, fortalezas e pelo restante das tropas concentradas.

Isto nos custará uns dois mil contos, o que não é muito, mas teremos dignamente comemorado o centenário da nossa Independência, dando ao mesmo tempo uma exuberante prova da nossa grandeza e realizado um exercício dos mais proveitosos e que nunca fizemos.

Ahi fica a idéa.

Novembro de 1915.

1º tenente Castro Ayres

Serviço Militar Obrigatório

De uma conferencia realizada no 2º R. I. pelo Tenente Alves Tavora.

Ainda repercute pelo paiz inteiro a voz clara, forte e commovida de Olavo Bilac, aos estudantes de S. Paulo. Essa repercussão era o desejo e a fé do princípio dos nossos poetas, quando, confiando as suas palavras aos ouvidos e ás almas

dos moços das faculdades paulistas, quiz que «ellas se fossem estender a ouvidos distantes e a almas afastadas, a todos os brasileiros da mesma idade, crescendo, estudando, sonhando, dentro do immenso e inquieto coração do Brasil.»

Preocupado e afflito com o espetáculo da patria «devastada sem guerra, e caduca antes da velhice», e pela incapacidade ou indiferença dos varões responsáveis pelos seus destinos, solta esse grito de magua e revolta, para logo, do mesmo passo, atriôar, encher e fazer estremecer até aos fundamentos, os velhos muros daquelles viveiros de pioneiros do futuro, em um clamor vibrante e sincero pela salvação da nacionalidade brasileira. O que sobressalta e assusta o patriota, diz elle, «não é o desconforto, a falta de dinheiro, a falta de trabalho organizado e produtivo na maior parte da União, nem o formidável onus das dívidas, opprimindo o nosso futuro. Ainda ha muita ventura e dignidade nas casas onde ha muito pão; mas nada ha, quando não ha amor e orgulho.»

A grande doença, o grande perigo — é a desgraça do carácter e morte moral. O que me amedronta é a mingua de ideal que nos abate. Sem ideal não ha nobreza de alma; sem nobreza de alma, não ha desinteresse; sem desinteresse, não ha cohesão; sem cohesão, não ha patria.»

E o grande poeta, pondo toda a sua robusta fé, não diminuida pelo começo do seu outono, no valor despreocupado e audaz da mocidade, nas flores, nos botões que vão desabrochar em fructos, nos rebentos da primavera nacional, enxerga o começo da rehabilitação e da cura no serviço militar obrigatório.

Porque este «é a escola da ordem, da disciplina, da cohesão»; e mais «o laboratorio da dignidade propria e do patriotismo, a instrução primária obrigatória, o asseio obrigatório, a higiene obrigatória, a regeneração muscular e psychica obrigatória.»

Não se podia dizer mais, nem melhor.

Não seria só no terreno militar, no terreno da nossa defensibilidade que melhorariam, seria mais ainda no terreno social, pelo estreitamento dos laços entre os nossos patrícios mais afastados, na escola para os analfabetos, e pelas noções de ordem, responsabilidade, cohesão, disciplina e civismo, para todos.

A caserna não é mais do que uma vasta escola destinada à formação do exercito, que é a nação aprestada para defender-se e fazer respeitar-se no concerto das outras nações.

Em nossa época, finalmente, com o triunfo da democracia, o serviço das armas não podendo cifrar-se no apanágio de uma classe privilegiada, nem sendo lícito que as nações confiassem a defesa do seu direito, sua honra, ou sua integridade aos azares do aluguel, ou a relegassem a seus filhos de condição inferior, fazem cousa mais segura e mais digna: ensinam cuidadosamente à flor de sua virilidade o manejo e técnica das armas modernas, amoldam-na ao sopro vivificador do amor da pátria e da sã disciplina, num todo coheso, irresistível pela sua massa, e consciente em cada uma de suas partes, — e defendem-se a si mesmo. De tal sorte o ensino é ministrado em um exercito moderno, consciente de sua missão, que cada soldado luta pela sua pátria offensiva.

dida ou em perigo, com o mesmo denodo que o faria pela inviolabilidade do seu lar ou pela honra de sua familia. Isto, porém, não é possível, principalmente entre nós, povo sem laços fortes de cohesão, cujas tradições cada vez mais se apagam pela imprevidencia, ignorancia e scepticismo dos seus directores, quasi todo analphabeto, desconhecendo sua patria e seus deveres para com ella, sem o serviço militar obrigatorio.

Gritam uns tantos patriotas (dessa colonia que nos momentos de perigo nacional nunca houve quem della dêsse noticia) dessa casta que nos dias de luto e de agonia foge das linhas de fogo como o diabo da cruz, gritam esses sophistas, avezados no vicio do espirito de contradicção, que não podemos executar tal lei, por ser inconstitucional. Mas o que determina a Constituição de 24 de Fevereiro é isto: «Art. 86 — Todo brasileiro é obrigado ao serviço militar, em defesa da Patria e da Constituição, na forma das leis federaes.» E quando não for possível o serviço militar segundo a execução plena do princípio da «nação armada», isto é, attingindo a todos os jovens de 21 annos, em virtude, entre outras causas, da fraqueza do erario, como é o nosso caso actual, ainda é a Constituição que estatue no art. 87, § 4º: «O Exercito e a Armada compor-se-ão pelo voluntariado sem premio, e em falta deste pelo sorteio, préviamente organizado.»

Ahi está a Constituição determinando que, quando necessário, leis federaes attendam ás necessidades do Exercito, da nossa defesa, e essas leis estão promulgadas, sancionadas e decretadas ha cerca de oito annos. E ainda mais: pela execução dessas leis se batem todos os chefes militares dignos de tal nome, porque sentem que sem ellas nunca teremos exercito na sua accepção moderna.

Quando, senhores, algum jurisconsulto demasiado idealista chegassem a ter a veleidade de conceber um codigo criminal, onde o direito de legitima defesa não fosse resalvado e garantido a todos os homens, esse codigo não poderia servir a povo nenhum, porque seria um codigo caduco, um codigo immoral, um codigo de protecção aos malvados e aos criminosos.

Porque onde os bons ficam desamparados, desarmados, reinam naturalmente os mäos.

Do mesmo modo, se a nossa Constituição oppuzesse empecilhos a cuidarmos seriamente da nossa defensibilidade, prohibindo-nos de colocar os orgãos de nossa defesa á altura do momento que atravessamos, se esse absurdo existisse, a nossa Constituição é que tinha de ceder, de ser modificada, porque seria uma constituição obsoleta, caduca, amarrados á qual iríamos até ao proprio suicidio. Uma constituição é a norma fundamental * de um povo, dirigindo-o a futuro melhor e seguro. Não pode ser uma corrente ligando-o ao poste da fraqueza, que conduz á escravidão. Mas tal desproposito não existe, nem podia existir, e quer o serviço militar completo, quer o sorteio, que é a sua forma mais suave, auxiliado ainda pela instrução militar nos institutos de ensino e nas linhas de tiro, estão autorizados pela nossa lei magna.

De modo que, segundo a nossa lei que estatue a obrigação do adextramento de todos para a guerra, em alguns annos poderá o Brasil dizer

orgulhoso: a Nação é o Exercito e o Exercito é a Nação.

E não seria possivel operar-se essa transformação, esse milagre, ás vesperas da guerra, ao rompimento das relações internacionaes, no começo das hostilidades?

Que responda a generosa França, pela hecatombe espantosa de 70, na qual diz um mestre da guerra: «para sustentar a luta, a França levantou soldados; a Alemanha levantou-se a si mesma, desenvolvendo a força, o poder, não de um exercito que marcha, mas de um povo que se desloca.

Mas quereis ver em que condições lastimáveis estavam em 1864, pouco antes da declaração de guerra?

O deputado Carneiro de Campos mostrando o nosso descaso pelo futuro, por occasião de discutir-se a lei de fixação de forças, diz: «Que no Rio Grande havia tres batalhões de infantaria, de ns. 3º, 6º e 13º, com o total de 1500 homens; quatro regimentos de cavallaria, com 1000 praças; um regimento de artilharia a cavallo com 276 praças; ao todo 2776 praças de linha. Não ha alli um corpo verdadeiramente completo e nas condições desejeáveis; e mesmo para os exercícios não ha quanto baste. Emfim, por falta de gente, consta-me que, quando os corpos saem dos quartéis, se têm fechado os portões.»

Por nossa desgraça, a minha geração tem visto muita coisa semelhante a isto. Mas a historia quasi sempre não tem originalidade. Repeite-se. E os povos despreocupados e imprevidentes, que desprezam as suas lições, comprometteram sempre a sua estabilidade, a sua tranquilidade, a sua honra, quando não se despenharam na fraqueza e da fraqueza na perdição.

Agora vejamos o nosso estado, já em plena guerra. Ouçamos o testemunho de um heroe de toda a campanha, o general Dyonísio Cerqueira. Diz elle em suas «Reminiscencias»: «Deixava muito a desejar o nosso pequeno exercito, não só em relação á instrucción technica da maior parte dos corpos, como por se achar muito pobramente apparelhado para a dura campanha que íamos iniciar. Faltava-nos quasi tudo, desde o commissariado dos viveres e forragens regularmente organisados até ás ambulancias para os enfermos e meios de transporte facil e commodo. A' excepção dos poucos corpos que haviam invadido o E. Oriental, era constituído de soldados bissonhos dos batalhões de linha, que viviam nas provincias, dando guardas e destacamentos pelos sertões, fazendo diligencias policiaes, e de paizanos recrutados ou alistados Voluntarios da Patria, e que não tinham tido tempo de passar a prompto dos exercícios de recrutas.» E ainda: «Não só os que tinham feito a recente campanha do Uruguay, como os que iam chegando, estavam bastante desprovidos de fardamento e equipamento.

O general fazia o que podia, mas estavamos tão mal preparados, quando foi declarada a guerra que, apezar dos esforços empregados pelo governo e do patriotismo dos brasileiros, seis meses depois (o gripho é meu), ainda não podiamos tentar tomar a offensiva. Entretanto o nosso inimigo tinha em armas 80.000 homens, instruidos, disciplinados, promptos para defenderem um territorio inteiramente desconhecido por nós, cir-

cumvallado por dois rios immensos, protegido no interior por interminaveis estéros, e, pelos lados de leste e oeste, por extensas regiões desertas, onde não havia uma estrada para dar accesso á invasão, que só podia ser feita pelo sul; ao norte Matto Grosso, que, não obstante a duríssima licção, continua, passados 40 annos, ainda no fim do mundo (hoje temos a estrada de ferro). E conclue: «Tivesse Lopez um general e a missão do exercito aliado teria sido muito mais difficult.»

E estas lições não aproveitaram a ninguem? A nós, não. E escuso de dizer o estado em que se encontra a nossa defesa, por que todos vós o sabeis mais do que eu.

A Republica Argentina, porém, a nossa companheira de então e grande amiga de hoje, entendeu de modo differente. Eis as palavras do general Julio Roca, em sua mensagem ao congresso argentino, em 1904, ultimo anno do seu governo: «E'-me agradavel fazer saber que o exercito da nação segue a marcha do progresso, iniciada com tanto empenho, havendo chegado nos ultimos annos a um grao de perfeição, que o faz um instrumento efficiente, não sómente de segurança nacional, mas, igualmente, de progresso e adiantamento do paiz.

A lei do serviço militar obrigatorio, que traz aos quarteis, cada anno, os jovens cidadãos de todos os pontos do territorio para que nelles recebam a instrucção militar, tem sido applicada com justiça e prudencia, de tal modo que não sómente não encontra resistencias, senão que os jovens conscriptos incorporam-se satisfeitos, sabendo que, terminado o prazo fixado pela lei, volverão a seus lares, levando um contingente de instrucção, de cultura, saude e disciplina, que redunda em positivo beneficio delles e do paiz. O ensino que recebem nos quarteis abrange não sómente a instrucção militar, a hygiene e a gymnastica, que os faz mais ageis e dextros, senão igualmente a escola elementar, onde os analphabetos aprendem a ler e a escrever, additando-se a esse programma noções de instrucção civica, que os ensina a conhecer quaes são seus direitos e deveres como cidadãos, aprendendo enfim muitos daquelles que viviam em afastadas regiões o que é a Patria e qual o tributo que lhe devem pagar para fazel-a forte e respeitada. Escuso de insistir sobre os grandes beneficios que, para o futuro do paiz, representa esta lei, que podemos, justamente, chamar de civilisadora, e que é necessário conservar como uma daquellas que mais hão de contribuir para consolidar o sentimento nacional.

«As novas unidades, creadas desde que foi sancionada a lei 4.301 (lei que instituiu o serviço militar obrigatorio), o sistema especial da manutenção de quadros reduzidos, durante uma parte do anno e a perseverança e methodo com que se ha trabalhado, tem permittido ter os elementos sufficientes para poder dar aos conscriptos uma instrucção militar que os converte em pouco tempo em soldados, como o demonstraram palpavelmente as recentes manobras que se effectuaram no campo de Maio e na 4^a Região Militar, cujo resultado satisfactorio demonstra a dedicação e o zelo com que os chefes e officiaes cumprem o seu dever.

Tal como se acha hoje organizado o exercito, sua divisão regional, suas unidades e seus quadros de mobilisação, pode-se afirmar que em

caso de necessidade se poderia mobilisar, em dezoito dias sómente, um exercito de primeira linha de 80.000 soldados, havendo todos passado pelas fileiras, com uma dotação de quatrocentos canhões e obuzes de campanha, de modelo tão aperfeiçoado e uniforme como nenhuma nação os tem melhores. Acrescentaremos que esse exercito de primeira linha se mobilisaria com todo o seu gado de sella e de tiro e com todos os seus serviços auxiliares, saude, columnas de munição, etc., regularmente organisados. Isto constitue, sem duvida, uma amostra do progresso alcançado pelo exercito, e deve lisongear o sentimento de um paiz laborioso e pacífico, que presta ao mesmo tempo toda a sua atenção ao aperfeiçoamento de suas instituições armadas, que são a melhor garantia da paz interna e externa.»

Isto não é *lyrismo militar*. São dizeres claros e rationaes, previdentes e seguros de um grande estadista. Isto é a evolução natural de uma nacionalidade prospéra e de um povo consciente dos seus destinos. Isto é o aproveitamento das lições da campanha do Paraguai, da França de 1870 e da Russia de 1904 e 1905. São os conselhos previdentes da historia, a magua dos desastres soffridos e o justo temor de sua reprodução. Nós não temos *lyrismo militar*; temos é inconsciencia dos perigos. As lições de duras provações supportadas, não nos servem de nada, graças à falta de descortino e perseverança dos nossos estadistas, graças á fraqueza dos nossos governos.

Temos um patriotismo fogo de palha e foguetes de lagrimas. Agimos por explosões. Ou tudo, ou nada. Não temos methodo, nem constancia. Queremos do nada que é o nosso Exercito, transformal-o, de um dia para outro, num exercito allemão. E como isto é uma insensatez e um impossivel, como o fim visado não é atingido imediatamente, descambamos para a descrença e a desesperança.

Mas toda a obra grande e durável tem imperiosamente longas raizes no tempo. É preciso paciencia e perseverança.

Os nossos directores têm errado muito; mas o nosso povo não é responsavel pelos seus desacertos. Ele não tem deliberado. Os nossos intellectuaes, imbuidos d'uma cultura estranha ao nosso meio e passado, muito têm contribuido para a nossa instabilidade. As nossas tradições vão se apagando dia a dia. As lembranças dos nossos grandes momentos historicos, as nossas festas populares, as reminiscencias por todos os povos veneradas, são olhadas com indifferença ou desprezo. Com a perda de nossas tradições, usos estranhos e duvidosos vão tomado raizes.

Não temos respeitado o nosso passado. Não temos tirado de nós mesmos aquillo que necessitamos. Nossas leis e regulamentos, quando se modificam, o que sucede constantemente, é pela raiz. Não são modificações sensatas, estudadas, reparações na arvore existente. São derrubadas e queimas, deixando o terreno descoberto, de vastado, para transplantações, muitas vezes contrárias aos nossos habitos, desarrazoadas. Toda transplantação é uma operação difícil, que demanda tempo e cuidado. Sem isso vem a atro-

phia, o enfraquecimento e a morte. Como, porém, falta persistencia ás nossas administrações, á primeira dificuldade — toca a mudar.

O exemplo pratico deste estado de cousas, são os nossos regulamentos. Quando ainda bem não lemos um, já vem outro. Os nossos uniformes dão a impressão de um carnaval perenne. Não são mudanças razoaveis, demonstradas pela experiença e pela necessidade; são, muitas vezes, frivolidades inutilissimas de cerebros sem preoccupações serias. Em terreno algum, tal instabilidade se torna tão sensivel, como no militar. As instituições militares vivem de firmeza e ponderação. Firmeza e ponderação são a sua natureza, a sua alma. Cada instabilidade inconsequente é como que um sopro de desconfiança contra a competencia e criterio dos chefes. E perdida a severa confiança nesse criterio, está perdido o orgulho de ser subordinado. Começa a não haver entusiasmo no cumprimento do dever, e dahi a falta de consistencia no apparelho militar, que deve ser inteirico e vibrar como uma mola de aço. E sem amor, respeito e confiança, não ha vibração possivel.

E tempo, meus camaradas de cuidarmos sériamente da nossa unidade nacional e da nossa defesa. Isto sem arroubos momentaneos, mas com carinho, metodo e confiança no futuro do Brasil. Tenhamos coragem de dizer a verdade, de confessar nossos erros, nossos defeitos; mas não nos deixemos invadir do pessimismo que, por toda parte, só enxerga ruinas. Temos defeitos, mas tambem temos grandes virtudes.

Trabalhemos, por todos os meios, para o alevantamento do Exercito. Acabemos com o sistema de engajamento e reengajamento, a não ser no quadro dos graduados. Procuremos evitar que os soldados encaneçam no quartel. O quartel não é asylo de invalidos: é um estabelecimento de ensino da mocidade. Afugentemos os viciosos; porque o quartel não é penitenciaria ou casa de correção: é a academia da altivez e da honra, onde se ensina o amor da Patria.

Dizem os patriotas de esquina que não precisamos de exercito á moderna, porque em caso de perigo o Brasil se levantaria como um só homem para responder a alguma affronta. Nós sabemos que isto são estoiros secos de fanfarrões. O Brasil levantar-se-ia como uma só massa confusa, massa sem consistencia, para ser sacrificado pelo cansaço, pela confusão, pela impericia, varrido pela metralha. Venceria, talvez, mas depois de sacrificios immensos. Não é mais possivel obter-se seis e oito meses de acampamento, para instruir soldados, organizar exercitos. Com a perspectiva de dias sombrios, não ha calma para a instrucção. A guerra moderna tem por caracteristico a rapidez. O palco actual da grande guerra, parece provar o contrario: mas os gigantes, as civilisações, os ideaes que se encontram face á face, estão armados igualmente. Os pavorosos elementos de destruição são eguaes e se temem. Mas havendo desequilibrio — a rapidez é passional. São relâmpagos: depois da faísca só resta amentar quem ficou carbonizado.

E tempo de darmos o braço á mocidade, a primavera nacional», e nos mostrarmos dignos dela. Esclareçamol-a das vantagens do serviço militar obrigatorio, das vantagens de sermos fortes para merecermos o respeito e a liberdade.

Comparação dos effeitos do fogo Segundo as causas que no mesmo intervêm

(Continuação)

Influencia da posição e densidade da tropa

Se o alvo é uma linha de silhuetas n. 2, se obtém um % = 7,00 e $E_{ss} = 71,6$; se o alvo é uma linha de atiradores a dois passos da silhueta n. 1, o % = 5,5 e um $E_{ss} = 48,3$.

Se levarmos em conta que os coefficientes assinalados para as vulnerabilidades, são:

Para a fila = 1; para a linha de atiradores a tres passos = 1/3; para a silhueta n. 2 = 3; para a silhueta n. 1 = 4, vê-se que a relação das vulnerabilidades de ambos os alvos, será:

$$\frac{V}{V'} = \frac{1 \times 3}{1/3 \times 4} = 2,25; \text{ valor limite ao qual só}$$

se chegará eliminando as causas de erro e multiplicando as experiencias até o infinito.

Como pôde ver-se no exposto precedentemente, a relação dos % e das efficacias é

$$\frac{7}{5,5} = 1,27 \text{ para os primeiros, e } \frac{71,6}{48,0} = 1,50$$

para os segundos; quer isto dizer que se conserva maior que a unidade, que é a caracteristica de ambas as relações.

Como ensinamentos deduziremos:

1º A necessidade de intervallar os homens quanto seja possivel sem prejudicar a accão do commando, caso não estejam enquadrados;

2º Offerecer o menor alvo com os nossos homens, sem olvidar que a impulsão e o desejo de avançar é função principal do espirito, do animo da tropa e não da formação que adopta.

A posição deitado permanece energica na offensiva? Será com soldados sem moral, e para estes nunca se devem dar regras. Na hecatombe encontram a justificação, como se comprova na historia antiga e moderna.

Influencia da visibilidade do objectivo

Sobre linhas de atiradores:

Bem visíveis: $\left\{ \begin{array}{l} \text{obtem-se um \% de im-} \\ \text{pactos} = 10,5 \\ \text{e um } E_{ss} = 60,0 \% \end{array} \right.$

Pouco visíveis: $\left\{ \begin{array}{l} \text{obtem-se um \% de im-} \\ \text{pactos} = 7,8 \\ \text{e um } E_{ss} = 23,3 \% \end{array} \right.$

A relação dos % = 1,34

A relação do E_{ss} = 2,57

Consequencia: Devemos dissimular nossa posição aproveitando quantos accidentes occultem ás vistas para fazer o fogo inimigo duas vezes e meia menos efficaz em nossos atiradores e reservas. Assim fazendo não só reduzimos os effeitos como tambem conseguimos offerecer o menor alvo possivel, dificultando a sua designação pelo inimigo, reduzindo assim o numero de baixas como se verá adeante.

Influencia da bôa ou má designação do objectivo

Designação má:

% de impactos = 2,16
 $E_{ss} = 13,33 \%$

Designação muito boa :

$$\% \text{ de impactos} = 13,14 \\ E_{ss} = 43,33$$

$$\text{Relação dos \%} \frac{13,14}{2,16} = 6,08$$

$$\text{Relação dos } E_{ss} \frac{43,33}{13,33} = 3,25$$

Estes numeros são por si suficientemente eloquentes para que se comprehenda a necessidade de indicar ao soldado, com maximo detalhe, o *logar exacto* para onde deve-se dirigir o fogo, o qual não se romperá enquanto o oficial não esteja convencido de que todos os homens de sua unidade saibam para onde apontar. Proceder assim é obter uma grande efficacia para o seu proprio fogo.

E' essa tão grande, importante e precisa designação do objectivo, que influe mais que a maior ou menor visibilidade da linha inimiga.

Como vimos nos alvos mais ou menos visíveis, a relação dos \% era igual 1,34 e 2,50 das efficacias; relações que passam a ser iguais a 6,08 e 3,25, respectivamente, quando se trata da bôa ou má designação do alvo a bater.

Influencia da posição que adoptam os officiaes e sargentos

Quando o official e os inferiores se collocaram na mesma posição da tropa — de joelhos —, os resultados foram :

$$\% \text{ de impactos} = 5,8 \quad (1) \\ E_{ss} = 59,16 \%$$

Estando a linha de atiradores como no caso anterior — de joelho — e o official e inferiores de pé, obteve-se os seguintes resultados :

$$\% \text{ de impactos} = 9,4 \quad (2) \\ E_{ss} = 63,30$$

$$\text{A relação dos \% é} \frac{9,4}{5,8} = 1,6$$

$$\text{A relação dos } E_{ss} \frac{63,30}{59,16} = 1,1$$

Estas relações indicam o quanto é prejudicial no combate se a officialidade e os inferiores adoptarem como posição unica a de pé; com ella augmentarão as baixas nos quadros e nas tropas a suas ordens.

Collocam-se os officiaes em posições que prohíbe a tactica, não só denuncia por sua preseña o local de seus atiradores — de nada serve aproveitarem elles o terreno para desenfiarem-se das vistas — como tambem attrahem o fogo a suas immediações, como se comprova, por serem muito mais tocadas as silhuetas proximas ás que representavam homens de pé.

Isto quanto á vulnerabilidade; se levarmos em conta o factor moral, ninguem ignora as vacilações e incredulidades de uma tropa que fica sem a officialidade. A nossa historia por desgraça está cheia de exemplos e muito dolorosos.

Resumindo : exigir o chefe e cumprir a officialidade o estabelecido no regulamento tactico, e só adoptar a posição de pé quando nos obriguem razões moraes ou de direcção; jamais exigir systematicamente uma posição que tantas baixas custa, sem que com ella se obtenham resultados, ao contrario, prejuizo para o exito.

(1) Nos inferiores quatro impactos e nenhum no official.

(2) Seis impactos nos inferiores e se'e o official.

Comparemos os resultados obtidos :

1º — Por 80 homens, atirando com uma alça unica empregando o fogo por descargas.

2º — Pelo mesmo numero de homens, atirando com duas alças e fogo á vontade.

3º — Por uma secção — duas metralhadoras.

Alça unica e fogo por descargas $\left\{ \begin{array}{l} \% \text{ de impactos} = 3,88 \\ E_u \dots \dots \dots = 30,13 \quad (1) \end{array} \right.$

Alças conjugadas e fogo á vontade $\left\{ \begin{array}{l} \% \text{ de impactos} = 0,99 \\ E_u \dots \dots \dots = 14,03 \quad (1) \end{array} \right.$

Com as duas metralhadoras $\left\{ \begin{array}{l} \% \text{ de impactos} = 2,97 \\ E_u \dots \dots \dots = 32,29 \quad (2) \end{array} \right.$

Comparando estes resultados se comprova que os maiores effeitos dos \% são alcançados com uma alça unica; quanto aos effeitos uteis, o valor tão reduzido — comparativamente — e quicano normal de 14,03 obtido no fogo á vontade rapido, o attribuimos à grande velocidade de fogos e ao estado nervoso com que atirou a tropa, sendo por isso o rendimento muito pequeno.

Comparando os \% do fogo por descargas com o das metralhadoras, se vê que este é menor que aquelle, dando-se o contrario com os effeitos uteis, pela maior velocidade do tiro das machinhas.

Mesmo quando com estas se obtenham effeitos superiores a duas e mesmo tres secções de infantaria, jamais poderão estas ser substituidas pelas metralhadoras. Estas são um auxiliar poderissimo da nossa arma, mas nunca poderão substituir o soldado, porque como machinhas que são, lhes falta o principal elemento da victoria: o espirito que vivifica a luta e a alma que impulsionando ao ideal nos leva a buscar o mais querido para o soldado — a gloria no combate.

Vantagens de um fogo collectivo (*dirigido pelo official*) sobre o individual (*não dirigido pelo chefe da secção*)

Apezar de no exercicio realizado na Escola não ser o tiro individual executado como devia ser, por isso que o objectivo, local, etc., (3) eram indicados pelo commandante, limitando-se a iniciativa do atirador á escolha da alça, sem embargo, os resultados foram maiores no fogo collectivo — dirigido — que no individual, como provam as cifras seguintes :

Tiro individual $\left\{ \begin{array}{l} \% \text{ de impactos} = 5,3 \\ E_{ss} \dots \dots \dots = 36,9 \end{array} \right.$

Tiro collectivo feito por uma secção $\left\{ \begin{array}{l} \% \text{ de impactos} = 8,2 \\ E_{ss} \dots \dots \dots = 50,6 \end{array} \right.$

$$\text{Relação dos \%} = \frac{8,2}{5,3} = 1,5$$

$$\text{Relação dos } E_{ss} = \frac{50,6}{36,9} = 1,4$$

Chega-se a resultados vez e meia maiores com o segundo tiro que com o primeiro.

(1) Em 1' 30" pelos 80 homens.

(2) Em minuto e meio pelas duas metralhadoras.

(3) Ainda mais todos os soldados atiravam ao mesmo tempo, sendo assim o \% de impactos maior que se os individuos atirassem um a um.

Creamos que o exposto bastará para que se comprehenda porque a Escola e nossa tactica, estabelecem que a «secção (1) é a *unidade de fogo e de movimento*», ao que se pode acrescentar «*unidade sempre indivisível no tiro.*»

Nota — A secção tinha atiradores das três classes em proporção normal por ser uma secção instruída pela escola.

Efeitos segundo o numero e qualidade dos atiradores

Não sómente com o tiro se obtém melhores resultados a grandes distâncias com os melhores atiradores. Com efeito, escolhidos seis bons atiradores atiraram a 1300^m contra uma linha de atiradores siluetas n. 1, e ao mesmo alvo atirou uma secção composta das três classes.

Os resultados obtidos são os que se seguem:

Os 6 bons atiradores.	$\% \text{ de impactos} = 6,8$
	$E_{ss} \dots \dots \dots = 49,4 \%$
	$E_u \dots \dots \dots = 4,23$

A secção composta das 3 classes de atir. es	$\% \text{ de impactos} = 8,3$
	$E_{ss} \dots \dots \dots = 56,1 \%$
	$E_u \dots \dots \dots = 22,15$

$$\text{Relação dos } \% = \frac{8,3}{6,8} = 1,2$$

$$\text{Relação dos } E_{ss} = \frac{56,1}{49,4} = 1,1$$

$$\text{Relação dos } E_u = \frac{22,15}{4,23} = 5,2$$

Com quanto a relação dos $\%$ e E_{ss} diffira um pouco da unidade, são melhores os resultados da secção que os dos seis atiradores, e quanto aos efeitos uteis, os resultados obtidos por estes são cinco vezes menores do que o alcançado por aquella.

Não quer isto dizer que a instrução não seja necessária; antes pelo contrario, é muito precisa e indispensável como já tivemos occasião de mostrar na parte em que fizemos o estudo comparativo dos resultados obtidos por soldados instruidos e os de instrução deficiente.

O que explica essa anomalia é a vantagem da simultaneidade do fogo, no tiro de conjunto, não na formação de uns quantos especialistas, cuja especialização prejudicou ao ensino dos demais. É inegável que sempre obtém maiores efeitos — em igualdade de condições — os mais habéis.

Claro é, que o $\%$ e a eficacia nas siluetas atingidas pelos seis atiradores são quasi iguais aos obtidos pela secção, porém isso foi alcançado à custa do tempo, pois os primeiros levaram 16 minutos para consumir os 488 cartuchos e a segunda só levou 3 minutos e 40 segundos. (2)

E se o tempo é ouro na paz, na guerra o seu valor é incalculável, sendo «o efeito moral que as baixas produzem função inversa da demora para produzil-as» e o commandante que melhor saiba aproveitar aquelle — o tempo — terá elementos importantes, em favor da victoria que pleiteia.

Resumindo o exposto temos:

1º — Que se deve prescrever a idéa de que às grandes distâncias só devem abrir o fogo os

melhores atiradores, pois isto é anomalo e prejudicial. Nas grandes como nas médias e pequenas distâncias o fogo ha de ser executado por toda a secção sem fraccionamentos inadmissíveis hoje nas modernas theorias do tiro, que têm sido confirmadas por multiplas experiencias;

2º — Que é preferivel que alcance a companhia um nível médio na pratica do tiro, em lugar de uns quantos — muitos jamais se conseguirá — atiradores excellentes, cujos resultados na luta, dado seu pequeno numero, seja insuficiente ao fim que se deseja em vista do tempo excessivo que necessitam os poucos atiradores para alcançar efeitos que satisfaçam a necessidade do momento.

O ideal do capitão é que o peior de seus soldados seja atirador de 2^a. É preferivel isto a ter uns quantos de 1^a e 2^a e o resto, a maior parte, de 3^a.

Conclusão

Terminando o seu magnifico trabalho o capitão Balanzat diz haver realizado o seu desejo de conseguir firmar nos subalternos a idéa de que sua missão — como directores do fogo — em combate é importantissima.

2º Tenente Newton Cavalcante.

Questões para a minha arma

(CONCLUSÃO)

Os lances cada vez mais nos approximam do inimigo. As perdas augmentam. As distâncias diminuem. Garfea-nos o primeiro feixe de balas. A zona dos fogos de infantaria é penetrada.

— Agora, além do obuz e do schrapnell, os feixes mortiferos. Aliás, uma nova vida visita os homens. Os fuzis deixam-lhes as espaduas. Já os utilizam.

— E' que os meios citados para facilitarem o avanço se tornam insuficientes. E' preciso mais um.

— O fogo é este novo auxiliar. A sua conducta e o seu emprego são, então, os problemas a resolver. Cabem ao chefe do pelotão. Conduzil-o é saber quando ha oportunidade de o usar e judiciosamente. E' alcançar o seu rendimento maximum. Empregal-o é precisar a sua abertura e a sua cessação. E' designar e escolher objectivos. E' repartil-o convenientemente.

— Enquadramos os principios da conducta e emprego do fogo em duas rubricas: a *preparação* e a *execução*.

— Na offensiva, como na defensiva, podemos applical-as. Nesta, entretanto, com mais vantagens. Em ambas é preciso não esquecer nunca que o fogo é um meio, o movimento o unico fim. Na offensiva se

(1) A secção corresponde ao nosso pelotão.

(2) Esta grande diferença de tempo é que influe na não pequena dos efeitos uteis.

atira para gerar o movimento. Na defensiva para retardar o inimigo, enfraquece-lo, defel-o, para crear a offensiva.

I. Preparação do fogo — a) Reconhecer o terreno. Executam-o em primeiro lugar. E' uma operação semelhante á que já estudamos em relação ao movimento. Accrescenta-se-lhe, todavia, o cuidado de o fazer tambem sob o ponto de vista particular das posições de fogo. Além da apreciação e escolha dos caminhamentos, das cobertas e dos abrigos, ha mais a fazer. E' preciso saber aproveitá-los para surpreender os objectivos fugidios. Para abrir o fogo nas melhores condições, com melhor alça. E' indispensavel determinar as distâncias dos accidentes reconhecidos. Apreciar declives. Ter sempre em vista as proprias tropas e as do inimigo. O reconhecimento do terreno é o essencial para diminuir as perdas. Garante uma efficacia satisfactoria. Evita o desperdicio de munições. Indica as distâncias e intervallos a adoptar. Aproveitados intelligentemente os elementos para reconhecer o terreno, tem-se feito quasi tudo. Resta dividil-o em grandes zonas. Assignalar-lhes os limites com accidentes bem visiveis e já conhecidos.

b) A escolha de uma ou mais posições de fogo é a consequencia immediata do reconhecimento prévio. A primeira posição de fogo, em geral, é aquella em que os feixes adversos nos fizeram aterrar. Dahi a extensão dos lances. O fogo e o silencio do inimigo.

— Em terreno chato e sob superioridade de fogos, trabalha-se optimas posições. A sapa é ainda um meio para o avanço. Construirá estas posições. Primeiramente monticulos de terra sahidos do esforço solidario e alternado dos homens da mesma fila. Mais tarde, resistentes obstaculos aos desejos de victoria do inimigo. "Que não se pare para cavar, mas que se cave porque se parou".

c) A ocupação das posições de fogo. E' uma operação difficil. Nem sempre o lance é o prescripto. Na maior parte das vezes é preciso dissimular-a ao inimigo. Não se pôde, em geral prescindir do apoio das fracções visinhas. Aliás, excepcionalmente se progredirá pelo proprio fogo. O avanço se fará por pequenas fracções.

d) As formações — Guiam-nos os mesmos conceitos já expendidos. Evitam-se ain-

da os codigos e as prescripções inculcadas como infalliveis.

e) Effectivo a empenhar — O regulamento nos dá as directivas. De um modo geral, nunca iniciar o fogo com um numero insufficiente de fuzis. Alcançar desde o começo a superioridade de fogo. De outro, evitar o lançamento inutil de homens. Economia de forças. Retardar a mistura dos elementos, a confusão. Assim, pois, o chefe é tudo. Tudo se espera de sua capacidade.

II. A execução do fogo — a) Procura e designação dos objectivos. A chimica e a industria militares vem transformando, continuadamente, os methodos de instrucção e de combate. Fazer o vacuo de homens, como já dissemos, é a tendencia. As infiltrações e a polvora sem fumaça realisam admiravelmente essa moderna concepção. E' nos facil, pois, aquilar as difficultades da procura dos objectivos. Elles são fugitivos flexiveis. Um pactum com os secretos esconderijos do terreno torna-os quasi invisiveis. Só um perfeito adestramento pôde satisfazer-lhes as exigencias. O desenvolvimento da vista pelo habito de apreciar as siluetas dos diversos objectivos é o mais pratico. Vel-as sob diversos effeitos de luz e sobre variados fundos. A habilidade no usar o binocolo é um bom elemento. Deve-se o mais rapidamente possível ver os objectivos. A sua designação deve ser breve e clara. A linguagem usada simples e sensivelmente sempre a mesma. Os objectivos serão designados directa ou indirectamente.

No primeiro caso, quando são de facil encontro incidimos logo sobre elles. Contrariamente, lançamos mão da designação indirecta. Mostramos um alvo auxiliar. Às vezes, apenas, a direcção. Raramente, indicar-se-ha o ponto a visar. Só o faremos quando o objectivo se desloca com certa rapidez, parallelamente á nossa frente. Quando se quer concentrar o fogo sobre um determinado objectivo. Para o caso do alvo auxiliar. Quando o vento sopra com certa intensidade da direita para a esquerda. No geral dos casos não se designará o ponto a visar. Assim se obterá melhor repartição do fogo.

b) Repartição do fogo e mudanças de objectivo — E' imperioso o chefe ter a sua tropa na mão. Seja a moral ou a ordem. O necessario é que em qualquer momento o fogo possa cessar instantanea-

mente. Que a sua reabertura seja fulminante quando ordenada. Quando se sente melhor o que dissemos é no repartir ou concentrar o fogo ou ao se mudar de objectivo. Deve-se atacar com violencia os objectivos mais perigosos. E' preciso saber distinguir quais são elles. Não se pense que os mais vulneraveis sejam os que merecem a nossa preferencia. Antes, julguemos os mais perigosos os que contrariam a nossa missão. Dahi dois principios geraes. Na offensiva, é preciso ganhar terreno, são preferidos os objectivos que atiram aos que marcham. Quando ha objectivos igualmente perigosos é preciso batalhos simultaneamente. Difficilmente uma mesma unidade de fogo pôde alcançal-o. Quando inevitavel, exige-se uma profunda circumspecção do chefe.

c) *Avaliação das distancias* — E' uma das condições de efficacia. E é das mais difficeis de preencher.

Os reconhecimentos successivos do terreno desbravam de muito esta tarefa. Apezar disso ella avulta ainda difficilima. O preparo de bons avaliadores é o essencial.

— Os pontos de queda dos feixes seriam optimos indicadores da precisão da distancia e portanto da exactidão da alça. Observal-os, entretanto, quasi nunca se logra. Rarissimamente conseguimol-o. As melhores indicações da efficacia do fogo são as perturbações lançadas sobre o inimigo. As paradas, os desenvolvimentos, as mudanças de formações, nos orientarão. Tambem o maior ou menor efecto dos fogos inimigos sobre as nossas fileiras dirá muito.

d) *Escolha da natureza do fogo* — A infantaria deve ser avara de seu fogo e prodiga de suas munições. O fogo serve para auxiliar a decidir uma questão e por isso deve ser terrivel. Essas palavras de Bugeaud dizem tudo. O fogo deve ser incisivo, rapido e violento. Isto quanto permitem a economia de munições, a fadiga dos homens e o tempo de exposição do objectivo. Os fogos lentos são geralmente condennameveis. São indecisos e pouco efficazes. Os fogos de salva com os vivos de cartuchos contados são os melhores. A situação tactica, a distancia do adversario e as munições dictam melhor que quaisquer preceitos a especie do fogo. Na escolha da natureza do fogo é axiomatico uma severa reserva.

e) *Abrir e cessar o fogo* — Os chefes devem ser capazes de abrir e cessar o fogo quando queiram. Os que se impõem aos seus homens, os que têm capacidade de mando acham-n'o simples. Os que não os têm mantido moralmente elevados, cohesos e unos, consigo sentirão todas as dificuldades. Só aquelles podem agir por surpresa, evitar desperdicio de munições, lançar sua tropa para a frente. Só elles aproveitarão as raras occasões de inflingir perdas sérias ao inimigo. Mudar de objectivo, concentrar e repartir o fogo, será para elles muito simples.

— E assim é que a infantaria avança apesar de tudo.

2º Tenente *Mario Travassos.*

Escola de Applicação para Officiaes Superiores

Um bom numero de generaes e officiaes superiores e um grande numero de capitães e officiaes subalternos, que temos ouvido a respeito da necessidade inadiavel da fundação de uma Escola de Applicação para Officiaes Superiores, nos moldes delineados em o numero passado, tem-nos feito declarações de franco e decidido apoio.

Alguns, embora poucos, apresentam a objecção da difficuldade que ha na organisação dessa escola, no que diz respeito ao director e aos auxiliares do curso.

Ninguem contesta que essa difficuldade existe. Se quizermos desde o inicio uma coisa absolutamente perfeita, então essa organização será mais do que difficil, será impossivel.

Mas é preciso convir, por um lado, que é fraqueza imperdoavel deixar-se de realizar um nobre e util emprehendimento, simplesmente porque elle apresenta algumas difficuldades, aliás menos importantes na realidade do que na apparencia; e por outro lado, que é absurdo querer que saia do nada, de uma só vez, uma construcção perfeita.

Segundo a Biblia, até o proprio Deus não fez o mundo com essa pressa. No primeiro dia fez o céo e a terra. Antes disso, presume-se, não estava fazendo coisa alguma, exactamente como nós em coisas militares. Depois trabalhou mais cinco dias, para poder dar o mundo prompto.

Ora, ahí está o que os nossos dirigentes podiam fazer.

No primeiro dia creavam a Escola de Applicação, escolhendo para dirigi-la um dos muitos officiaes de alta patente, que teem revelado talento e amor ao trabalho nas funcções que teem desempenhado.

Ninguem poderá negar que dispomos no Exercito de muitos officiaes nestas condições.

Durante o periodo da preparação para a abertura do curso, esse official trataria naturalmente de adquirir os conhecimentos necessarios á sua missão.

Os auxiliares por elle escolhidos fariam o mesmo. O estudo e o trabalho em commun seriam lucrativos para todos.

Quando fosse aberto o curso, aos estudos feitos seria ligada a pratica correspondente. Não haveria perfeição, mas os proprios erros trariam ensinamentos.

No inicio, haveria vantagem na continuação do mesmo director por alguns annos, exactamente para ir aproveitando os ensinamentos que a continuidade dos estudos e a pratica facultam assim poder no fim de um certo tempo preparar outros officiaes para o desempenho dessa missão.

No fim de quatro ou seis annos estaria o serviço da escola completamente normalisado e della sahiria annualmente um bom numero de officiaes superiores capazes de commandarem uma tropa em campanha sem a sacrificarem inutilmente.

Estariam então no sexto dia. No settimo já os dirigentes poderiam descansar um pouco, isto é, confiar no começo da existencia efficiente dos serviços militares entre nós.

A seguir publicamos algumas palavras que distintos camaradas se dignaram de escrever a respeito deste assumpto e no numero seguinte a elle voltaremos.

Já quasi ao entrar para o prelo o presente numero desta revista, recebemos do distinto camarada capitão Manoel Bourgard de Castro e Silva, um exemplar de regulamento para uma Escola de Instructores do Exercito, elaborado em fins de 1910 por uma commissão assim composta: General Bormann, então Ministro da Guerra, Coronel Barbedo, Capitães Emilio Sarmento, Castro e Silva e Estelita Werner.

E' um bello regulameto para uma excellente instituição que traria benefícios extraordinarios ao nosso Exercito.

No proximo numero trataremos do assumpto para frisar os pontos de contacto entre uma tal instituição e esta outra de que nos temos ocupado, mostrando que uma não exclue a outra e que, ao contrario, as duas se completam.

Que os nossos dirigentes nos deem esses meios de estudo e de aperfeiçoamento e o Exercito terá dentro de pouco tempo uma officialidade modelar, máo grado o pessimismo *smart* dos scepticos e a má vontade dos commodistas. Só de má fé se poderá contestar que temos uma officialidade capaz de se tornar apta para a gloriosa missão da defesa militar da Nação. Intellectualidade não nos falta, o que nos tem faltado é rumo e trabalho.

Brazilio Taborda

Meu caro Taborda — ... Percin, ao apresentar o seu luminoso e incoercivel parecer sobre as escolas de fogo, experimentou as mais sérias resistencias da parte de officiaes illustres, é verdade, mas que pelo facto de se não sentirem desencilhados dos methodos preteritos, se não haviam afastado ainda da rotina, o que nos faz lembrar um hierarchico nosso, que, apezar de illustre ser julgado, e não menos bem intencionado — em manobras escondidas, a um capitão de uma bateria de tiro rapido L. 28, mo. 1. 1908, assim determinou: — *coloque as suas peças em cima d'aquelle morro, donde amedrontando o inimigo, melhor o verá e aguardará o momento, por mim julgado conveniente para a abertura do fogo.*!

Conta-se que nesta mesma época e manobra, — um outro capitão receberá a seguinte missão: «Deveis tomar posição no morro alto, donde desenfiado dos clarões, bateréis uma força adversa, que deverá surgir em taes ou quaes pontos a 200 metros de nós, na rampa descendente do mesmo morro !

Ora se taes chefes tivessem passado pelas malhas da «Escola Percin», certamente não avançariam a tanto, lhes não envolvendo hoje a fronte uma coroa de tantas heresies tacticas.

Quando, ha annos passados, fiz parte de um concurso de tiro de guerra, — um official superior e de artilharia, (o que é peior), me declarou que a minha bateria, a 4^a, se afastaria demasiadamente da crista, lhe não sendo possivel, por isso, bater a infantaria adversa, porquanto, para o fazer — seria preciso o emprego de tiro directo, *maxime* em se tratando, como em o meu caso, de uma *bateria de infantaria*, cujo fim, assim m'o afirmou o illustre chefe — é acompanhar a infantaria !

Um outro official, que á minha bateria elogiosas referencias fez, notou, no entanto, se achar a minha luneta enfiada pelas vistas adversas, como se o capitão não fosse obrigado a tudo vêr, cabendo-lhe mascarar-se, sómente — quando a physiographia local o permitte e consente !

Ora, se para um artilheiro affeito aos modernos methodos de tiro de nosso material de campanha, não são divisados factos de tal jaez, o que se não dará com aquelles que dizem: «ponha um canhão em cima d'aquelle morro, um outro

n'aquelle; uma metralhadora acolá; passando o capitão da bateria para o meu estado maior?!

Tudo isso me faz lembrar o que se conta de um coronel que, ao verificar praça na infantaria, assim afirmou: «Estou bastante satisfeito com a minha inclusão na infantaria, porquanto, não gosto de montar a cavalo.»

Lembro-me bem: ha annos escoados, após eu haver feito uma conferencia sobre o combate da artilharia, dois officiaes, ao trocarem commigo, idéas a respeito, de mim divergiram — affirmando-me que o tiro normal do nosso T. R. era o individual e directo e não o collectivo como eu affirmára.

Um outro official, leitor e critico, acha que a *Equitação* não passa de um amorpho amontoado de regras inuteis — preconisadas por alguns pseudo modeladores que, por falta de assumpto, só vivem a fallar de *flexão da ganacha, mudanças de mão, está no freio e quejandos* — como se isso, a exemplo da *gymnastica sueca* e da do cavalleiro — influisse no preparo do conductor!

Ora, se na adiantada França, ainda em 1908, artilheiros houve que preconisaram para a bateria de infantaria o desenfiamento do homem a pé e para a contra-bateria o do homem a cavalo, aos seus capitães impondo tal ou qual desenfiamento, como se esta incognita do problema não fosse do espaço morto uma função — o que se não dará, entre nós, onde muitas vezes se tentam sóerguer os methodos archaicós, incompatíveis e heterogeneos ao nosso meio?!

Como se atará num campo de batalha, um commandante de nossa infantaria, ao ter como coordenadas de combate, — tropas de todas as armas — se na paz elle as não conheceu e applicou?!

Na artilharia, sobretudo, os novos methodos de tiro resultantes do aperfeiçoamento do material, tudo transformaram, tudo nos parecendo novo, donde a necessidade de um só cadinho para os commandantes e commandados. Se o commandante da artilharia não sabe como atira, para onde atira e porque atira — não poderá cooperar na luta apoiando a infantaria, cujo commandante só saberá pedir se noções tiver d'aquillo que o nosso material pôde fazer — donde a necessidade de uma aprendizagem, sómente adquirida numa escola de applicação.

E quando mesmo reconheçamos, na maioria de nossos officiaes superiores, uma pezada bagagem scientifica, achamos no entanto que em quasi todos a exemplo do que Percin observára — se acrisola a carencia d'aquillo que é pratico, d'aquillo que só se aprende fazendo de *visu*, observando, — pelo que, a criação de um curso de applicação se impõe, se me afigurando um dos factores primordiaes de nosso apparelhamento militar.

Capitão de Artilharia-José de Castello Branco

A' *Defesa Nacional*, o 2º tenente Francisco Mendes da Silva Sobrinho felicita pela grandiosa idéa da Escola de Applicação para officiaes superiores.

Meu caro Taborda — Ao perlustrar o n. 25 da *Defesa Nacional* hontem distribuído, entusiasticas exclamações se me escapa:am applaudindo tua feliz idéa ali nitidamente esboçada num magnifico artigo, de crear-se, entre nós, uma escola de applicação para officiaes superiores.

Bravo!... Muito bem!... rep.'o agora nestas rudes linhas, para exprimir-te a minha approvação e apoio, desvaliosos mas sinceros, por partirem do coração de um soldado nato, no qual 30 annos de amargas desillusões colhidas na peregrinação pela vida militar, ainda não conseguiram amortecer o ardor cívico nem apagar a esperança de ver o nosso exercito na altura de sua incomparável e nobre missão. Para isso, a meu ver, não bastará o serviço obrigatorio, como alguns pensam; será ainda imprescindivel que elle exista rigoroso, inílludivel... para a oficialidade, forçando-a aos fecundos trabalhos dos regimentos e paralelamente aos estudos technicos em escolas como a que propões. Não vacillo em afirmar que, a parte (está visto) um bom numero de exceções, sem uma tal escola não passaremos nunca de méros soldados caricatos que desconhecem até mesmo o A B C da profissão.

A imagem é talvez muito forte, mas é justa. Vejamos: que qualificativo deve dar-se ao oficial que manda o seu ordenança escolher posição para artilharia e indicá-la ao respectivo comandante?

A esse typo de soldado, por assim dizer analphabeto, fielmente retratado em teu bello artigo ultimo, podes juntar est'outros, cuja authenticidade garanto: o do commandante de destacamento das 3 armas que em uma das grandes manobras, num grande alto sob uma chuva torrencial, ao se lhe pedir informações do inimigo respondeu: «menino, tudo isso é uma comédia e nella eu sou apenas o contra regra. Nada sei do inimigo; procure-o e bata-o, se não puder com elle, fuja...!»

Essas palavras são textuaes e têm como testemunhas duas ou tres dezenas de officiaes de todos os postos. Encerram, como se vê, um duplo e magnifico ensinamento. No entanto, o jovem aspirante a quem foram dirigidas, jamais poderá dizer como o grande Napoleão: Foi o general... du Teil que me ensinou a obedecer e a mandar...

Nessas mesmas manobras um outro, comandando a defesa de uma trincheira, conservou-se inabalavelmente inactivo em presença de um ataque de flanco, visto que — disse elle depois — «o thema só previa o ataque pela frente». Outro, numa experiença de cartuchos de salva para nossa metralhadora *Maxim*, mui ingenuamente indagou do destino que estavam tendo as balas, ao perceber que ellas não atingiam uma casa situada a pequena distancia na direcção do fogo.

Essa patente já avançada na arma de infantaria, não obstante, ainda não tivera tempo de aprender que as balas de tales cartuchos são de madeira e ócas, pulverizando-se, portanto, após os disparos. Poderia, emfim, citar-te os cabos de guerra que durante a revolução do R. G. do Sul fizeram a artilharia agir — sem outra protecção que a dos fuzis dos proprios artilheiros — contra inimigos a 200 metros de distancia... e em Canudos, como ha pouco no «Contestado» puseram-n'a á ilharga da infantaria para reforçar a impetuosidade das cargas. Julgo, porém mais prudente concluir, dizendo-te simplesmente: — Avante!... Clama ne cesses e vencerás tua patriótica e ardua peleja.

«Aos fortes a vanguarda».

Teu camarada, admirador e leal.

Capitão Sezefredo de Almeida.

Meu caro Taborda. — Tenho acompanhado com viva sympathia a idéa da fundação, na Villa Militar, de uma Escola de Applicação para officiaes superiores, que vem tão bem justificada nos teus dois ultimos artigos da *A Defeza Nacional*. E' dessas idéas que nunca é de mais encarecer, taes são as vantagens que delas decorrem, uma vez postas em prática.

Por uma serie de causas, que não vem a pello citar, e cujas responsabilidades não cabem individualmente a ninguem, o nosso Exercito manteve-se durante algumas décadas afastado das preocupações mais estreitamente ligadas à profissão, como sejam os processos de combate das armas, isoladas e em conjunto.

E, enquanto nos desinteressavamos d'essas questões, relegadas a um segundo plano desde a Escola Militar, a ascenção dos officiaes através dos postos ia-se fazendo, fatalmente, como o proprio ciclo da vida.

Quando, de alguns annos para cá, o Exercito despertou nos ancejos de saber profissional e efficiencia para a guerra, que o caracterisam hoje, nos surprehendemos todos com o nosso proprio desconhecimento das coisas mais elementares da tactica das armas.

Como me recordo dessas primeiras manobras de 1905, e das que vi depois, dois annos seguidos, na 8^a divisão de infantaria na Allemanha!...

No entanto, ellas tiveram, entre outros meritos, o de nos ter feito perceber o quanto ignoravamos... Pode-se mesmo dizer que o interesse pela tactica e o desejo de aperfeiçoamento profissional, datam, para muitos de nós, dessas manobras, e por mais que estejamos descontentes com a marcha tarda da nossa evolução, é forçoso confessar que temos progredido muito.

E quanto menos satisfeitos estivermos com o nosso estado de adiantamento, tanto melhor, porque assim progrediremos mais. O equilíbrio entre o ambicionado e o obtido marca o inicio da decadencia.

Ora, se «não nos falta capacidade intelectual, porque a temos talvez de mais» e se temos um prelado serio dessa technica do armamento, no que se refere á applicação das sciencias exactas, tão exageradamente ensinados na antiga Escola Militar, em compensação falta-nos, como com justeza dizes — orientação prática, rumo profissional.

Alguns dos nossos camaradas dos postos mais elevados procuraram ganhar em velocidade o que perderam em tempo, estudando e applicando conhecimentos, com que já podem guiar os subalternos no prelado de suas fracções, e exigir com consciencia, exigir corrigindo, aquillo que não se pratica, ou que se pratica mal.

Outros, porém, não puderam fazer o mesmo, entre varios motivos, por melindre hierachico. E' um sentimento respeitável, que convém a todos os postos, mas que está mal aplicado. A esses é que a escola projectada prestará os melhores serviços. Refiro-me aos bem intencionados, aos que querem realmente progredir.

Estudando, em communum com camaradas competentes — quaesquer que sejam os seus postos — um thema tactico, sobre a carta topographica da região, esmiuçando-lhe os detalhes, pondo em evidencia os erros das soluções, e colhendo os ensinamentos que delles decorrem, para depois assistirem á realização prática da operação no terreno, os nossos officiaes superiores, sem de-

sair para as suas prerrogativas hierachicas, adquirirão, em pouco tempo, uma grande mésse de conhecimentos, que, de outra forma, só obteriam á custa de penosas leituras e esforços, que nem todos podem mais fazer. Ficariam não só habilitados a commandar com acerto suas unidades em combate, como a fiscalizar e corrigir os subordinados, orientando-os na preparação da tropa. Isso, quanto á parte tactica.

Mas, quanto á acção do fogo — factor com que os adversarios annullam a distancia que os separa e abatem o inimigo até lhe alcançar as trincheiras?

A technica do tiro de infantaria e de artilharia exige uma preparação theorica fundamental, a que se deve seguir a verificação prática, para poder habilitar os chefes a fiscalisarem e corrigirem a instrucção dos subordinados. E quando digo *technica do tiro*, não me refiro á balística, mas sim aos processos de tiro collectivo, ao engarfamento dos objectivos pelo feixe das trajectórias da infantaria, e da artilharia, e ás operações que antecedem a obtenção do fogo efficaz.

Só por uma esplanação theorica, seguida da confirmação prática, se torna evidente a acção do fogo sobre os diversos alvos, de forma a se poder ajuizar do que é permittido esperar, no combate, do fogo das armas irmãs.

Eu lembraria, por isso, que ao lado dos themas tacticos, se instituisse tambem na Villa Militar — *um curso de informações para capitães e officiaes superiores*.

O curso poderia ser feito em vinte dias para a infantaria, e em um mez para a artilharia, consistindo em *conferencias* sobre os methodos de tiro nas duas armas. Essas conferencias, que poderiam ser diárias, seriam proferidas por um official de qualquer posto, mas de reconhecida competencia no assumpto, o qual não poderia arguir os ouvintes, mas estaria no dever de responder ás perguntas que estes lhe fizessem. Desta maneira esclareciam-se as duvidas sem ferir os melindres hierachicos.

Quando as preleções tivessem attingido um grão sufficientemente adiantado, far-se-iam nos campos proximos á Villa Militar, com unidades instruídas, exercícios de tiro collectivo contra alvos de combate e cujos resultados serviriam de themes objectivos para a conferencia seguinte. O conferencista faria, então, a critica do exercicio e ensinaria a maneira de julgar o resultado.

Não é preciso encarecer os beneficios que traria á instrucção da tropa a volta desses officiaes ás suas unidades, indo fiscalizar na infantaria o ensino do tiro collectivo, a distancias e contra alvos de combate, sabendo julgar os resultados obtidos, para, com sua critica, corrigir ou estimular os officiaes subalternos — que são os commandantes do fogo — a empregarem com acerto os seus fuzis.

E essas idéas são tão simples quanto exequíveis.

1º Tenente E. Leitão de Carvalho.

Meu caro Taborda. — ... Com a franqueza de que sempre uso, venho, acudindo ao teu appello, dizer o que penso do projecto, que em linhas geraes trácaste na «Defeza».

A criação entre nós de uma escola de applicação para officiaes superiores só merece aplausos.

Ella nos forneceria um meio seguro de nos pôrmos todos em dia com os processos de combate das armas e sobretudo de nos desembaraçarmos ou (se julgares preferivel) perdermos o encanamento na arte de dar ordens para combate, exercicio que tão raras occasões temos para fazer.

Vendo executar no terreno uma operação tactica já estudada na carta — resolvida e discutida anteriormente — os erros que se commetesssem ensinariam mais que os proprios acertos.

Nunca é tarde para aprender e, quando se sabe, para aperfeiçoar os proprios conhecimentos.

O que não seria louvável era enthesourar-se a gente na ignorancia, por capricho ou mal entendido orgulho e se retirar, passando o bastão aos novos, ou se deixar arrastar na cauda da corrente...

Que venha a escola e vejamos o que ella nos ensina.

Teu velho camarada e amigo ex-corde.

Coronel Bonifacio Costa.

Considerações administrativas

A criação do corpo de intendentes pelo decreto n.º 6971 de 4 de Junho de 1908, obedeceu ao fim especial do afastamento dos officiaes combatentes do pesado serviço de administração, isto ainda em beneficio das dignas funções que lhes cumpre desempenhar, ministrando aos seus soldados a instrução de que necessitam para a cabal e nobre missão da defesa da Patria.

Infelizmente, porém, a falta de regulamentação do corpo e a deficiencia de pessoal, ainda não permittiram a realização do ideal visado por aquelle decreto, facto esse que tem perturbado o serviço de administração nos seus varios ramos, prejudicando igualmente a instrução reclamada pelo soldado na caserna.

E, de mais, accresce que ha necessidade da limitação das responsabilidades de cada um no desempenho do dever que lhe assiste.

Ninguem ignora o perigo e os prejuízos que possam decorrer de uma substituição transitoria no desempenho de funções para as quaes, apesar de boa vontade e mesmo dedicação, não se tenha a necessaria prática.

Taes prejuízos podem tanto se reflectir no substituto como no substituido.

E' preciso dar a cada um a responsabilidade que lhe cabe, para que a traduza com o valor que merece e possa bem aquilatar do seu merecimento.

A escassez de officiaes intendentes na caserna tem motivado a anomalia dos officiaes de fileira se acharem no desempenho de funções especiaes de administração, que justamente desconhecem por não terem disso obrigação e não fazerem parte de seus mistérios.

Este facto, se de um lado, por um erro de officio, pode ferir fundo os interesses da Fazenda Publica, interesses que devem ser escrupulosa e religiosamente zelados, por outro não deixa de trazer geraes inconvenientes á disciplina, á instrucção e á boa ordem nas fileiras.

Não é aceitável, nem se pode comprehender, que um capitão que tanto tem a cuidar e a zelar pelo preparo technico de seus soldados, se preocupe com pagamentos, confecção de pedidos, extracção de vales e conferencia de papeis de administração.

A elle deve competir fiscalizar acuradamente para ver se os seus soldados estão bem fardados, armados e alimentados.

O regulamento interno ainda em vigor no Exercito, estabelece que o pagamento ás praças seja feito pelo sargento intendente; entretanto esse sargento não tem responsabilidade desse acto, porque não passa recibo, competencia do capitão, o qual, tendo a responsabilidade individual, hesita em dar essa delegação e chama a si os pagamentos, effectuando-os como se fôra o sargento.

Porque não se dar ao sargento essa responsabilidade?

Taes pagamentos não poderiam se tornar efectivos por um official intende auxiliar?

Acaso não vemos a autonomia concedida a funcionários de primeira entrância, como praticantes e 4^{os} officiaes de repartições, para assumirem a responsabilidade do que produzem, já effectuando o processo, averbação e conferencia de documentos de despesa de alto valor, já na confecção de guias para arrecadação de receitas avultadas?

E' que para o criminoso ha a Lei e a Lei não faz selecção.

Porque não se ha de praticar no Exercito como se procede na Marinha, onde o official combatente só se preocupa com a instrucção?

Não seria preferivel que ao apresen-

tar-se um consripto á caserna, logo apôs ao juramento á Bandeira, fosse elle conduzido á presença do intendente do corpo (*), que disso teria sciencia pela ordem regimental, para que o uniformisasse e armasse, e, uma vez incluído na sua grade de arraçoamento, o fizesse apresentar ao capitão para o contemplar na escola de instrucção que lhe competisse?

Parecerá centralisação do serviço, entretanto esta hypothese é negativa, uma vez que a época de incorporação ultimamente determinada para os mezes de Janeiro e Julho de cada anno não está ainda normalizada, porquanto o voluntariado se apresenta e se incorpora de 1 a 31 daquelles mezes. E de futuro, mesmo que isso se dê, como é de desejar, o accrescimo de serviço resultante para a administração, devido a essa concentração, seria de alguma maneira compensado pela normalidade e regularidade da distribuição feita em igualdade de condições, tudo numa determinada época, na qual uma solicitude especial seria insuficiente para vencer tal accumulo momentaneo de trabalho.

Não seria preferivel que as relações de vencimentos de praças fossem assignadas pelo official intendente auxiliar, fiscalisadas pelo chefe de serviço de administração, a quem competiria rubrical-as e que a recapitulação desses vencimentos fosse assignada pelo fiscal e rubricada pelo chefe do corpo ou do estabelecimento?

Ao official de tropa já basta o muito que tem a cumprir de acordo com o que está determinado nos regulamentos de instrucção; e a sua acção nobre na formação do soldado, do verdadeiro elemento de defesa da Patria, não pode e não deve ser desviada para a solução de problemas de administração.

Que se torne uma realidade o corpo de intendentes, se o regulamentando de acordo com os intuiitos que determinaram o Decreto n. 6971 de 4 de Junho de 1908.

Que cada qual cumpra o seu dever dentro da esphera de acção que lhe foi traçada.

Capitão intendente *Adolpho Luiz de Carvalho.*

(*) N. da R. — A solução deve ser outra. Deveremos pensar em ter um dia regularizada a incorporação de recrutas. Todo o contingente annual se apresentará de uma vez e então manifestar-se-ia o defeito da proposta centralisação.

Questões á margem Das «Cartas» de Griepenkerl

(Continuação)

XXIX Bivac

Setima carta, pag. 117 e 118: as ordens são datadas do bivac ao norte de St. Remy. Seria talvez interessante examinarmos o que diz o R. S. C. allemão sobre a installação de um bivac.

406. A disposição do bivac em grupamentos separados facilita a escolha de locaes apropriados e aumenta, especialmente nas grandes unidades, a promptidão para o combate.

407. Em geral os bivacs são dispostos de acordo com a distribuição da tropa e a situação tactica. A frente é voltada ao inimigo, salvo modificação determinada pela consideração da cobertura ou da retirada. Quanto aos detalhes do grupamento o que decide são o terreno, a alimentação, agua e lenha sufficientes e em situação comoda, as necessidades particulares de cada arma. É preciso levar em conta a protecção da artilharia.

408. O bivac deve ser quanto possivel desenfiado ás vistas do inimigo; é preciso ligar importancia ás boas comunicações, em ultimo caso crea-l-as.

409. O terreno para o bivac deve ter o subsólo seco e assegurar quanto possivel o abrigo contra o vento e o mau tempo. As varzeas, embora pareçam totalmente secas, sempre desenvolvem á noite humidade e neblina. Uma noite passada sobre um chão humido pôde causar maior numero de baixas do que um combate. O chão duro ou a matta limpa apresentam em geral um subsólo favorável.

411. O commandante do bivac antecipa-se ás tropas afim de escolher o local. Acompanham-n'o officiaes montados das diversas unidades.

412. Cada unidade que chega occupa imediatamente o seu local. *Toda modificação ulterior do local importa em grande perturbação do repouso e só motivos prementes poderão justificá-la.*

413. A bem do serviço os altos commandos instalam-se em localidades ou casas proximas.

414. Em cada bivac o mais antigo ou mais graduado official presente é o cdte. do bivac. Elle fica num lugar facil de reconhecer e todas as guardas devem saber onde é. O cdte. do bivac regula a segurança externa e a delimitação acaoso necessaria. Elle indica os locaes ás diversas unidades e determina as providencias ou os trabalhos especiaes, como a repartição de poços e aguadas e divisão do tempo para seu aproveitamento. Especialmente é da sua responsabilidade assegurar a utilisação prompta e em ordem de todos os recursos que se apresentarem afim de proporcionar quanto antes o repouso á tropa e o abrigo contra o tempo. (*Palha, lenha, etc.*)

XXX Retaguarda

Oitava carta, ordem de retirada. Diz o R. S. C., no capitulo «Segurança de marcha. Destacamentos mixtos de todas as armas,» sob o titulo — Retaguarda — :

182. A retaguarda deve efectuar a segurança de uma tropa que retira, contra as inquietações e o ataque. Ela não pôde contar com o apoio pelo grosso. Por ahi se determinam seu *effectivo* e sua *composição*.

Em regra ha de se attribuir forte artilharia á retaguarda; sempre ella deverá dispor de cavalaria para combater e esclarecer. Depende de cada caso particular a inclusão de sapadores e a proporção d'elles.

Sempre que as circunstancias o permittirem a retaguarda deve ser constituída de tropas frescas.

183. Se a tropa estava em combate, a retaguarda terá que obter, ás vezes pela luta, a possibilidade para o grosso retirar em ordem, mesmo em risco de ser sacrificada.

184. Desde que o inimigo não mais obrigue a marchar em desenvolvimento de combate, a retaguarda passa á columna de marcha.

Na determinação da distancia do grosso deve-se levar em conta o retardamento possível de sua marcha.

A retaguarda retira por lances. Os necessarios altos de marcha devem ser dispuestos de tal maneira que a retaguarda encontre abrigo e desenfiamento no terreno.

185. Muitas vezes poder-se-á alcançar o necessário ganho de tempo, forçando o adversario, pelo fogo de artilharia e de metralhadoras semi que se empenhe a massa da propria infantaria, e em seguida iniciar a retirada despercebidamente. As armas montadas recuperam mediante andadura mais rapida a distancia tomada pela infantaria, posta em marcha em primeiro lugar.

Desde que se apresente occasião favorável, um cdtº de retaguarda emprehedor tomará passageiramente a offensiva, mesmo pelo efeito moral.

186. A cavallaria da retaguarda volta suas vistas especialmente sobre as tentativas do inimigo, de ganhar os flancos.

Outra fracção de cavallaria, de força consideravel, com artilharia a cavallo, que intervenha offensivamente contra o flanco do inimigo perseguidor e que em combate apoie as alas da retaguarda, pôde contribuir consideravelmente para facilitar a retirada.

187. Para causar entraves á perseguição inimiga tambem se devem barrar os caminhos e destruir as pontes, onde couber. Muitas vezes convirá expedir com antecedencia a força necessaria á execução de taes trabalhos (sapadores.)

188. Em marcha a retaguarda se articula em *corpo* e *cauda*, com a respectiva cavallaria, tudo em constituição identica á dos elementos da vanguarda. Seus órgãos de esclarecimento guardam o contacto com o inimigo. As circumstancias decidirão se além da companhia-cauda e da ponta-de-infantaria (que pôde ser de cyclistas) tambem é necessaria uma ponta-de-cavallaria.

XXXI Lugar do chefe na retirada

Oitava carta, pag. 136, linha 8^a: «(Vide R. E. I. 297 e 432)»; Dizem os artigos citados, que correspondem respectivamente aos 325 e 467 do nosso R. E. I.:

297. Impondo-se a retirada, todos os chefes ficarão, como principio, junto ás suas tropas para sustentar a cohesão e a ordem. Só o chefe supe-

rior em regra, depois de ter tomado as primeiras disposições e assegurado sua execução, seguirá com antecedencia para a retaguarda, a tomar ultimas providencias.

432. O combate em retirada carece de uma direcção convencida pelo commandante em chefe. Elle deve ordenar qual a tropa que tem de apoiar e onde, e indicar ás diferentes columnas sua direcção de marcha. Só depois que tiver tomado essas providencias e tiver a garantia de sua execução, abandonará o campo de batalha para em seguida receber a tropa com novas ordens. O mais incumbe aos chefes subalternos.

XXXII Abuso dos meios technicos de comunicação

Nona carta, pag. 150, antes da *ordem*: (Vd. R. S. C. 47 § 3). Diz esse artigo:

47. Na transmissão de ordens por meio de telephone signaleiros, radio-telegraphia, etc. é necessário constatar quem deu a ordem. Pôde ser preciso a repetição textual pelo recebedor. Mesmo que a ligação seja tida como segura, será muitas vezes conveniente tambem mandar por escrito as ordens importantes transmittidas por via telegraphica. O uso frequente demais dos meios tecnicos de comunicação, especialmente em combate, encerra o sério perigo de prejudicar a autonomia dos edtes. subordinados.

(Continua.)

Tendas abrigo

Instrucção para armar as tendas abrigos regulamentares, organisada pelos Capitães Medeiros Pontes e Leandro Costa, para uso de suas companhias.

TENDAS ABRIGOS PARA DOIS HOMENS (FILA)

Nos acampamentos para instrucção e manobras, á ordem de «Armar barracas», dada pelos commandantes de companhias, os commandantes dos pelotões vão á frente dos mesmos e dão a voz «Preparar».

Os guias direitos dão um passo á frente, tomando o lugar dos commandantes de pelotões, sendo os seus lugares ocupados pelos guias esquerdos.

Os cabos das esquadras conservam-se nos seus logares, onde armam barracas com os seus serra-filas.

Em seguida abrem intervallos de 3 passos para a esquerda, por filas, ficando as filas da direita de cada fracção firmes e as demais se perfilando depois da execução.

Depois, a primeira fileira fará «Meia volta» e a segunda «um passo largo a retaguarda».

A's vozes «ao terreno armas» «des-equipar» e «armar barracas», ainda dos commandantes de pelotões, as mochilas vão á frente de cada homem, tendo as marmitas apoiadas no terreno com as cabeças para a frente e os fusis á direita; desemmalam os pannos das tendas, colocando-os sobre o ante-braço esquerdo (os triangulares sobre os rectangulares), sustentando com a mão direita a armação, em posição vertical, com a base no solo entre os pés, conservando o pino de metal para cima, voltando a perfilar-se rigorosamente.

Isso feito, os serra filas recebem dos chefes de fila os pannos triangulares, que com os seus enfiam no pino da armação pelos respectivos ilhozes.

Depois, enfiam os pannos rectangulares por uma extremidade, entregando a outra ao seu camarada de fila.

Amarram depois, no pino da armação, sobre os ilhozes dos pannos, as cordas mais compridas e enquanto os chefes de fila sustentam as suas armações sem se deslocarem, os serra-filas recuam puchando as cordas de maneira a conservar as armações em posição vertical e prendem as suas extremidades nas estacas que cravam no sólo; agora, os serra-filas vão sustentar as suas armações, enquanto os chefes de fila cravam tambem as estacas dian-teiras das «tendas», procedendo do mesmo modo que os serra-filas, cravando depois, simultaneamente as estacas correspondentes á extremidade do panno rectangular, á sua direita, em seguida as das outras extremidades e por fim as centraes.

Por ultimo procedem á ligação dos pannos das «tendas» por meio das cordas pequenas.

O bom resultado do abarracamento assim armado depende exclusivamente do perfeito alinhamento das filas, da igualdade dos intervallos entre as mesmas filas e do passo dado á retaguarda pelos serra-filas ser feito bem perpendicularmente.

A companhia pode acampar: «em linha», «em columna de pelotões», «em linha de columnas» e «em columna de esquadras».

Em linha, armam-se as tendas num só alinhamento, ficando os sargentos á direita dos seus pelotões, os cabos á esquerda das suas esquadras, os officiaes á retaguarda correspondendo ao centro da linha á distancia de 8 passos, os corneteiros e tambores á retaguarda dos officiaes, á

mesma distancia e o 1º sargento á direita da companhia.

Em columna de pelotões, a distancia entre elles será de 8 passos: os sargentos á direita e os cabos á esquerda dos pelotões (quando não tiverem serra-filas), os officiaes á retaguarda da columna a 8 passos e os corneteiros e tambores á retaguarda dos officiaes, a 4 passos. O 1º sargento á direita do 1º pelotão.

Em linha de columnas, as esquadras guardarão no pelotão as distancias de 8 passos, os sargentos á direita das primeiras esquadras dos seus pelotões, os cabos á esquerda das esquadras, os officiaes á retaguarda e no centro, a 8 passos de distancia.

O intervallo entre os pelotões será de 6 passos. O 1º sargento á direita da ultima esquadra do 1º pelotão, a 4 passos de distancia; os corneteiros e tambores a 4 passos á retaguarda da linha dos officiaes.

Em columna de esquadras, estas terão as distancias de 8 passos; os officiaes á direita, no sentido da profundidade e a partir da testa, começando pelo mais moderno e a 6 passos de intervallo; os sargentos á esquerda tambem a 6 passos de intervallo e no mesmo sentido, sendo a ultima a do 1º sargento; os corneteiros e tambores á retaguarda dos officiaes.

Estando a companhia em linha ou em columna de pelotões, os cabos que não tiverem serra-filas vão para a esquerda dos seus pelotões, e em linha de columnas ou em columna de esquadras, para a esquerda da primeira esquadra.

Os sargentos supra-numerarios entram na linha á esquerda da fila formada pelos sargentos guias, que para isso se deslocarão.

TENDAS ABRIGOS PARA QUATRO HOMENS (MEIA ESQUADRA)

Dada a formação e a ordem de «armar barracas» pelos commandantes das companhias, os commandantes dos pelotões mandam: «preparar». Ao que, as filas pares dão 3 passos á retaguarda e um passo á direita, ficando assim a formação em quatro fileiras.

As filas da direita da fracção ficam firmes e as demais volvem á esquerda, abrem intervallos de tres passos e retomam a frente primitiva.

As primeiras e terceiras fileiras fazem meia volta, e as segundas dão um passo á retaguarda.

A's vozes «ao terreno armas», «des-equipar», as terceiras fileiras deixam no terreno as armações, as primeiras e quartas fileiras recebem os pannos triangulares e uma das pontas dos rectangulares e os enfiam nos pinos (estes por cima daqueles) sustentando verticalmente as respectivas armações.

As segunda e terceira fileiras dão um passo curto á esquerda, sem que os homens das segundas desloquem as armações do alinhamento, porque a estes cumple enfiar os pannos rectangulares no pino da armação central.

Em seguida os homens da segunda e terceira fileiras vão amarrar as cordas maiores e cravar no sólo as estacas que sustentam as barracas, respectivamente pela frente e retaguarda; depois vão pela direita cravar as estacas centraes e as das extremidades.

A frente de cada fracção deve ser, em passos de 0m,75, igual ao numero de esquadras multiplicado por 6.

A distancia entre os pelotões na coluna é de 14 passos.

Parallelamente á linha da frente e á distancia de 10 metros á retaguarda, será collocada a «cosinha».

As «latrinas» serão estabelecidas em logares e distancias convenientes. Os veículos da companhia ficarão a 4 passos á retaguarda da cosinha.

A distancia entre duas fileiras de tendas chama-se Rua; o intervallo entre duas tendas, Viella.

Em torno das tendas e á distancia de 0m,25 abre-se um rego da largura de 0m,35 para evitar que as aguas das chuvas penetrem por baixo das mesmas.

Ao toque de reunir as praças formarão nas ruas de acordo com a disposição dada á formação do acampamento.

Instruções e disposições que devem tomar a musica e mais pessoal do Estado Menor do Regimento para armar as tendas-abrigos regulamentares, organisadas pelo Capitão Souza Castro.

PARA DUAS PRAÇAS

Quando o Regimento tiver de acampar o seu estado menor tomará as seguintes disposições:

A' ordem de «armar barracas» o ajudante levará a musica para o logar a ella destinado e mandará pôr o instrumental num local proximo e conveniente; feito

isto, mandará tomar novamente a formação regulamentar.

Uma vez a musica nesta formação, o capitão ajudante mandará: «3^a e 4^a fileiras, 8 passos á retaguarda, marche».

A' voz de: «Abrir intervallos de 3 passos para a direita por filas, marche!» as filas da esquerda ficam firmes e as demais ganham terreno á direita e se perfilarão pela esquerda, de modo identico como para 4 praças.

Feito isto, o ajudante mandará: 1^a e 3^a fileiras «meia volta volver; 2^a e 4^a fileiras «um passo á retaguarda marche».

Armam-se as barracas como se acha acima prescripto nas instruções dos capitães Medeiros Pontes e Leandro Costa.

O sargento ajudante e o 1º sargenteante do estado menor armam as suas barracas á esquerda da casa da ordem e á esquerda destes, ficam as dos 1º e 2º sargentos archivistas.

O 1º sargento musico abriga-se na barraca, deposito do instrumental.

Os 3^{os} sargentos corneteiro e artifice á retaguarda da do commandante do Regimento.

Os 1º e 2º sargentos intendententes á esquerda da intendencia e em seguida os cabos intendententes e soldados auxiliares.

O pessoal artifice e conductores do estado menor em uma linha paralela ás outras linhas de barracas e junto ás viaturas.

Os cabos armeiro e do material bellico, á retaguarda da do ajudante.

Os 2º sargento de saude e 3º dito veterinario, á esquerda da barraca ambulancia do posto medico.

Os cabo e anspeçada ordenanças á retaguarda, correspondendo ao intervallo das do commandante e do fiscal.

PARA QUATRO PRAÇAS

Dada a formação ou o toque de: «armar barracas», o ajudante levará a musica para o logar a ella destinado e depois de depositar o instrumental num logar conveniente, como acima já ficou dito, mandará: «preparar».

As filas da esquerda ficam firmes e as demais abrem intervallos de 3 passos á direita, da seguinte forma: abrindo os braços na horizontal de modo que as pontas dos dedos de dois homens consecutivos distem uma das outras um passo. (Com isto se obtém quasi que rigorosamente os 3 passos de intervallo.)

Feito isto, o ajudante mandará «3^a fileira um passo á esquerda, 2^a fileira um passo á retaguarda», em seguida «des-equipar».

A esta voz os homens desequipam e os da 3^a fileira deixam no sólo o pau da armação e volvem á direita.

Os homens das 1^a e 4^a fileiras recebem respectivamente dos das 2^a e 3^a os pannos triangulares e uma das pontas dos rectangulares e os enfiam nos pinos das armações, estes por cima daquelles. Os homens da 2^a fileira dão um passo curto á direita sem deslocarem as armações do alinhamento, porque a estes cumpre enfiar os pannos rectangulares na armação central.

O mais, como fica dito na instrucción acima dos capitães Leandro e Pontes.

A musica formará sempre em 4 fileiras completas, de acordo com o n. 543 do Regulamento de Exercícios para a Infantaria.

de extensão da zona de acção, deficiencia na mesma de bôas e garantidas vias de comunicação, e relativa carencia de meios de transporte para feridos, problema este, aproveitamos o ensejo para dizel-o, ainda não resolvido entre nós e para cuja solução é necessário que se volte e se encaminhe a solicitude dos competentes.

E' assim que havia:

a) Serviço de primeira linha ou de vanguarda, a cargo dos medicos pertencentes a cada unidade tactica em acção, serviço este, pelas circumstancias em que tinha de ser efectuado, puramente de urgencia;

a) Serviço das ambulancias moveis, criação sanitaria esta, fazendo parte integrante da columna, deslocando-se com esta, recebendo em segunda mão os doentes do serviço precedente, dotado de pessoal mais numeroso, melhor apparelhado.



Salvador Paulino Baptista, soldado do 16º Batalhão, ferido a 17 de novembro de 914, hospitalizado a 21 do mesmo mes. Cura por cicatrização completa a 30 de dezembro de 914.

do, com pharmacia e serviço de transporte para feridos;

c) Hospitaes de sangue, em numero de dois, localizados nas bases de operações, com lotação a criterio dos respectivos dirigentes e na altura dos seus proprios recursos, e agindo em relação aos doentes de duas maneiras distintas: evacuando para o Hospital de Curityba os doentes necessitando de uma hospitalisação prolongada (aqueles portadores de fracturas, com ferimentos de cicatrização demorada, infectados, carecendo mudança de clima, etc.) e retendo nos seus leitos todos os demais.

Serviço de Saúde em Campanha

(CAMPANHA DO CONTESTADO)

EXPEDIÇÃO SETEMBRINO

Quando em Curityba, attendendo a uma ordem do Quartel General das Forças em Operações no Contestado, alli comparecemos, já o respectivo Estado-Maior realizará a distribuição do pessoal do Serviço de Saúde destinado á expedição Setembrino.

Coube-nos a missão de fundar e dirigir o Hospital de Sangue do Rio Negro — uma das bases de operações na campanha contra os fanaticos.

Trocadas as idéas essenciaes sobre a nossa futura maneira de agir, recebido em mão o regulamento hospitalar dactilographado ali á nossa vista partimos a desempenhar a dita commissão levando como auxiliar encarregado da pharmacia o segundo tenente pharmaceutico Heraclito d'Avila Garcez.

O serviço de Saúde das Forças em Operações no Contestado, na expedição Setembrino, estava delineado proficientemente. Ligeiras variantes que nesse se aponavam afastando-o assim dos schemas classicos corriam por conta de circunstancias puramente occasioneas: — gran-

Ainda a respeito da lotação o criterio dominante, pelo menos no que esteve a nosso cargo, era ter sempre leitos vagos n'uma proporção de 30% do total para a eventualidade da entrada de feridos de guerra.

Os Hospitais de Sangue, como já dissemos, em numero de dois, estavam situados nas bases de operações no começo das hostilidades: Rio Negro, ponto de confluencia da estrada de rodagem Itayopolis, Estiva e Papanduva (zona de acção da columna Leste) e da Estrada de Ferro S. Francisco — Canoinhas (zona em



Brazilio Castilho, soldado do 12º Batalhão, ferido a 15 de novembro, internado no hospital a 16. Cura radical.

parte ocupada pela Columna Norte), e União da Victoria, local onde posteriormente foi sede do Quartel General das Forças, attendendo ás necessidades das duas columnas restantes Oeste (Rio Uruguay — Porto União) e Sul, a cargo da qual estava toda a zona comprehendida entre Lages, Curitybanos, Campos Novos, etc.

Questões varias de grande relevancia e referentes ao Serviço de Saúde em Campanha que no dominio da theoria entre nós e por mais de uma vez têm sido aventadas, na Campanha do Contestado attingiram ao seu auge, e agora, o que é peior, no dominio da pratica, como necessidade imperiosa, tal a de termos perfeitamente apparelhados para todas as eventualidades um serviço sanitario de campanha dotado de todos os requisitos e a que têm incontestavel direito os nossos bravos soldados.

Prendendo-se a este assumpto, dentre os problemas que avultam pela sua importancia um destaca-se e como tal é preciso que constitúa objecto de cuidados especiaes no sentido de que lhe seja dada



Alfredo Paes Barreto, anspeçada, ferido a 17 de novembro, internado no hospital no mesmo dia. Cicatrização 40 dias depois. Transferido para o hospital de Curityba afim de tratar de uma Anquilose Consecutiva.

uma feição eminentemente pratica — é o de transporte de feridos.

Consideradas a natureza variá, ingrata dos nossos sertões, a ausencia quasi absoluta de estradas (n'estas e em outras



Americo dos Santos Passarinho, soldado do 56º de Caçadores, ferido a 19 de novembro, hospitalizado no dia seguinte.

campanhas acções têm-se desenrolado em plena floresta, quando não por grótas e socavões) facilmente se deprehendem as

difficultades de toda a sorte, a quasi impossibilidade de conduzir uma turma mesmo pouco numerosa de feridos em padio-



José Ferreira Bello, cabo do 12º Batalhão, ferido a 17 de novembro, hospitalizado a 21 do mesmo.

las (*) ou mesmo em cargueiros (*cacolets*) meio este, a meu ver, absolutamente con-



Antonio Pereira de Oliveira, cabo do 16º Batalhão, ferido a 17 de novembro, hospitalizado no mesmo dia. Cicatrização franca a partir do dia 28 do mesmo mês. Transferido para o hospital de Curytyba a 30.

demnável por só se prestar a um numero reduzidíssimo de doentes, e isto mesmo

(*) Attender ao numero quasi sempre reduzidíssimo de padoleiros disponiveis em semelhantes ocasiões. Eis porque não regateamos os nossos mais calorosos aplausos ao nosso illustrado collega Capitão Dr. Alves Cerqueira, o qual com brilhantismo explanou e viu fructificar entre nós sua idéa da Companhia de Saúde, com pessoal numeroso e bem distribuido.

quando a docilidade e mansidão dos animaes empregados são garantidos, compromisso este que ninguem, em boa-fé, pode assumir.

Em nossa opinião cremos que o meio de conduçao mais facil pela sua praticabilidade é a *rêde*, aceitável não só pelo seu facil acondicionamento quando não está sendo utilisada como por não requerer pessoal com preparo especial para della fazer uso no momento opportuno. Bôa vontade e bôa musculatura são os unicos requisitos necessarios para o cabal desempenho de conduzir doentes por esse processo.



Manuel Amaro, soldado do 4º Regimento de Infantaria, ferido a 17 de novembro, hospitalizado no mesmo dia. Fratura comminativa do humerus, dando logar à extração de varios esquirolas osseas. Além do ferimento acima representado apresentava outro na base do pulmão esquerdo, donde phenomenos fracos da emphysema de ambos os lados. Posteriormente pneumonia lobar esquerda não evoluindo porém o cyclo completo. Curado.

Uma simples esteira adaptada por meio de embiras ou cordeis á trave que repousa nos hombros dos conductores constitue um dispositivo de real utilidade no sentido de abrigar o doente quer contra a estiagem quer contra a chuva. (**)

Outro ponto para o qual chamamos a attenção dos competentes é a modificaçao que se faz mister nas *canastras inglezas*. Todos quantos em campanha, ou mesmo em simples manobras, têm-se utilisado destas *canastras* sabem o quanto é inestimável o seu valor. Apenas ellas precisam soffrer uma modificaçao que as *nacionalise*, permittam-nos a expressão.

(**) Como outros motivos de preferencia é de conveniencia ainda citar a favor da *rêde* sua facil acquisition em qualquer centro commercial e o seu custo relativamente diminuto.

A posologia dos seus medicamentos em grãos, oitavas e onças, os seus ther-

responsaveis por muitas duvidas suscitas-das em occasões, como em campanha,

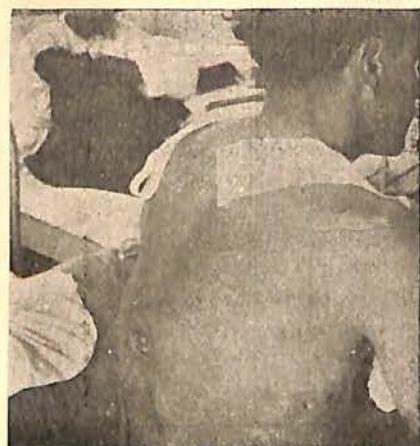


Tito Miranda, sargento do Batalhão de Segurança do Pára, hospitalizado a 9 de fevereiro de 915. Transferido para o hospital de Curybyba.

mometros com escala Fahrenheit, e todas as suas notas explicativas em inglez são



Pedro Celestino, cabo da 4ª Companhia de Metralhadoras, ferido a 3 de fevereiro de 915, hospitalizado a 8 do mesmo mês. Pneumonia unilateral esquerda. Além dos ferimentos apresentados na figura acima tinha ainda os exhibidos na figura 10 bis.



Vide gravura anterior.



João Campos, Vaqueano da coluna leste, ferido a 3 de fevereiro de 915, hospitalizado 5 dias depois.

em que se não perdôa ao medico a menor indecisão na pratica do seu mistér. Junte-se ao que fica exposto a substituição de tres ou quatro medicamentos sem applicação entre nós por outros de uso corrente, e as canastas inglezas, mudando de nome como o farão de feitio, desempenharão o seu papel a contento do mais exigente. Nestas despretenciosas linhas que vimos traçando guardamos uma referencia especial para o curativo individual.



Rodolpho Lima, soldado do 56º de Caçadores, ferido a 30 de fevereiro de 915, hospitalizado no dia 8.

Antes de mais nada é essencial fazer prevalecer a pratica salutar e necessaria de toda a tropa ao partir para operações



de guerra munir-se de curativos individuaes em numero sufficiente para o seu effectivo.

Hoje, mais do que nunca, faz-se a devida justiça ao curativo mesmo rudimentar feito logo após o trauma. Quando não tenha outras vantagens (e bem sabemos que elas existem) basta lembrar a da oclusão, pelo seu lado protector, empêcendo assim a contaminação a que se acha exposta toda a solução de continuidade. (*)

O curativo individual, pela sua relevante importancia, merece muito mais que ligeiras referencias como as que ora estão sendo aí traçadas; e é por isto que,



Specimens de balas extraídas de feridos do nosso hospital de Sangue.

mais de espaço, voltaremos sobre o assunto com informes pormenorizados e quiçá apresentação de um tipo que possa ser adoptado entre nós.

A titulo de curiosidade reproduzimos aqui algumas photographias de casos de clinica internados em o nosso Hospital de Sangue do Rio Negro, na vigencia da ultima Campanha do Contestado.

Capitão Médico Dr. P. de A. Pessoa de Mello.

(*) Por intermedio do nosso Hospital de Sangue do Rio Negro fizemos chegar a algumas unidades no campo de accão um certo numero de curativos individuaes (um milheiro approximadamente) todos, porém, com o fio e alfinete de segurança carcomidos pela ferrugem. Por este tempo, em palestra com o nosso illustrado collega Capitão Dr. Mariz Pinto, então recem-chegado da Europa (já sob a vigencia da guerra) este mesmo collega falava na necessidade de crearmos nós um tipo de *curativo individual* nosso, e ao qual, accrescentava elle *não falte o iodo*, sob qualquer forma. Folgamos de, em publico, poder subscrever *in totum*, como já o fizemos de viva voz, a idéa d'aquelle distincto facultativo e prestimo-so collega.

O Fusil Mauser M. 1908

Nomenclatura do fusil — Projecto de instruções para o seu uso

Ao sr. capitão Luiz Mariano P. de Andrade devem os leitores desta Revista o trabalho que se segue, relativamente ao nosso fuzil regulamentar.

Elle constitue um precioso serviço prestado aos nossos camaradas e apparece com uma oportunidade que não é preciso pôr em evidencia.

O presente trabalho, apresentado como relatorio por esse official e pelo 1º Tenente Duarte Pinto, ao Chefe da Comissão de Compras na Europa, consta de duas partes.

A primeira é um projecto de instruções para o uso do fuzil, as quaes por não se acharem regulamentadas tiveram de ser organisadas pelos autores, aproveitando estes não só as antigas instruções do anterior modelo, estabelecidas pela extinta Comissão T. Militar Consultiva, como ainda a propria experienca e as monographias congeneres em vigor nos exercitos frances e allemão.

Para as figuras explicativas imprescindiveis á elucidação do texto, foi aproveitada a prancha que serve de base á instrução do fuzil allemão, cujas affinidades com o nosso são muito estreitas, e organizados outros desenhos complementares.

A prancha adaptada ao nosso fuzil já foi aproveitada, como se sabe, e tornada pelo sr. Ministro da Guerra accessivel por indemnisação a quantos a queiram adquirir. Desta prancha nós publicaremos uma redução.

A parte do projecto que trata da conservação e limpeza da arma foi a que, pela sua grande importancia, absorveu os maiores cuidados da commissão que procurou fazer uma transplantação racional do que se practica principalmente nos modelares exercitos allemão e frances.

A este respeito veja-se a nossa Revista de n. 19, que trata com detalhes do assunto e do apparelho que o sr. capitão Mariano submetteu á consideração de nossas autoridades. Mas, ao voltar ao assunto, nós teremos occasião de reproduzir em nossas paginas as palavras contidas, a propósito, no relatorio.

Fusil Mauser Mod. 1908 Cal. 7 mm "S"

Prancha para Instrucção

"P"

TAMBÉM PODE SER CHAMADO



Detonador Cai Fita Marca no Fim de Arame
Abaixo da Cintura, Marca o Fim de Arame
Data de fabricação, Marca o Fim de Arame



CAPITULO I

Descrição e nomenclatura do fusil,
dos accessórios e da munição

DIVISÃO GERAL

1 — O fusil Mauser regulamentar mod. 1908 é uma arma de repetição, de 7 m/m de calibre e deposito na culatra com capacidade para cinco cartuchos. Atira a bala pontuda e é municiado pelo sistema de lâmina carregadora.

Comprehende sete partes principaes a saber:
Cano e apparelho de pontaria;
Caixa da culatra;
Mecanismo da culatra;
Mecanismo de repetição;
Coronha e telha;
Guarnições;
Sabre-punhal.

A cada fusil pertence ainda um certo numero de accessórios.

S I — Cano e apparelho de pontaria (Prancha I)

CANO

2 — O cano (fig. I) é um tubo inteiriço de aço, constituído por uma successão de trechos de forma exterior cylindrica ou cylindro-conica, denominados secções: secção anterior, secção media-anterior, secção media-posterior e secção posterior ou culatra. Destina-se a receber o cartucho e guiar o projectil, transformando a impulsão da carga em movimento combinado de translação e rotação.

Superficies de adocamento ligam entre si as diferentes secções, as quaes, de comprimentos variaveis, divergem ainda quanto ás espessuras, estabelecidas de modo a ser garantida em cada ponto a conveniente resistencia, sem excesso de materia.

3 — A secção media-posterior offerece, proximo á culatra, uma porção perfeitamente cylindrica, em que se adapta o suporte da alça, e diminue regularmente de diâmetro a partir d'ahi para a frente até a juncção com a secção media-anterior.

4 — Na primeira secção do cano ou secção anterior está fixado o dispositivo da maça de mira.

5 — A culatra forma no cano um reforço particular, destinada que é a supportar imediatamente o efecto da deflagração da polvora, mais energico que em qualquer outro ponto. Characteriza-se por ser mais curta que as demais secções, apresenta em seu terço médio-posterior um rebordo circular saliente, a faixa da culatra, de encontro ao qual se apoia a caixa, e termina por uma parte filetada, a rosca do cano, para o arrachamento aquella peça.

6 — O vazio interno do cano denomina-se alma, e os orificios extremos de saída do projectil e admissão do cartucho, boca da arma e abertura da culatra, respectivamente.

7 — Na alma ha a distinguir a parte raiada a parte não raiada ou camara.

A primeira abrange a quasi totalidade do cano e tira seu nome dos quatro sulcos ou estrias helicoidaes-as raias (fig. 2, d) que a percorrem, girando da esquerda para a direita em torno do eixo da peça ou eixo da alma, com o qual guardam uma inclinação constante. Ellas executam exactamente tres voltas e servem para communicação

car ao projectil o movimento rotatorio neccesario á sua estabilização no ar.

A distancia correspondente a uma volta medida sobre a geratriz do cano, dá o passo da raias.

Entre as raias, com elles alternando acham-se os cheios (fig. 2, e) cujo numero é, portanto, igual ao d'aquellas.

Chama-se fundo a porção escavada das raias concentrica á alma. Flancos são as superficies lateraes inclinadas que as limitam com os cheios.

O diâmetro tomado entre dois cheios mede o calibre, e a diferença entre o diâmetro do projectil e o calibre, o forcamento.

Nas immediações da camara os cheios se abaixam gradualmente até a profundidade das raias, de maneira a facilitar a entrada do projectil.

8 — A camara (fig. 2, a) é o alojamento do cartucho, constando, portanto do alojamento do estojo e do alojamento do projectil. O alojamento do estojo corresponde exactamente ás formas exteriores d'este, o do projectil affecta uma forma ligeiramente tronco-conica e lhe serve de passagem á introducção nas raias.

O percurso que o projectil effectua assim, livremente, antes de soffrer a acção do raiamento, denomina-se espaço não forcado. (1)

Separando o alojamento do estojo do do projectil, ha na camara um pequeno resalto que limita a admissão do cartucho.

APPARELHO DE PONTARIA

9 — O apparelho de pontaria consta da alça e da maça de mira, e serve para dar ao cano, a que está intimamente ligado, a inclinação favoravel ao tiro, segundo a distancia do alvo.

Alça de mira

10 — A alça de mira comprehende: o suporte, a lâmina, a mola e o cursor.

11 — O suporte (fig. 3), soldado ao cano, junto á culatra, compõe-se de um tubo encimado por dois montantes parallelos cujas superficies curvas superiores fornecem as guias do cursor. Os montantes terminam anteriormente em duas orelhas munidas de furos para as mangas de articulação da lâmina, e do lado opposto em dois rebaixos horizontaes que deixam livre o cursor na posição da alça natural. O espaço comprendido entre elles forma o alojamento da mola.

A retaguarda do tubo e limitando-o d'esse lado dispõe-se transversalmente um resalto que serve de apoio á lâmina em seu rebatimento, denominase por isso batente da lâmina.

Para prevenir o caso de fusão da solda e evitar deslocamentos, é ainda o suporte fixado ao cano por um parafuso, que consolida a ligação das duas partes.

12 — A lâmina (fig. 4), forma charneira com o suporte, articulando-se, na altura do pé ou talão, por meio de dois pequenos apêndices ou

(1) — Considerações de carácter technico determinam a existencia do espaço não forcado. (Freigeschossweg, em alemão, ou, literalmente, caminho livre do projectil): augmento da pressão maxima dada pelas modernas polvoras progressivas e situação, em relação á culatra, do ponto em que ella exerce.

Elle entende ao mesmo tempo com as condições de segurança de arma e o modo de conducta do projectil. Attendendo as tolerancias limites de fabricação admittidas nas dimensões combinadas do projectil e seu alojamento, terá elle que percorrer antes de forcado, uma extensão variavel de 9 a 9 + 3 m/m.

mangas, nas orelhas dos montantes, isso chamadas orelhas da charneira da alça. Um pino de segurança atravessa o talão, excedendo um pouco as mangas, de um e de outro lado.

13 — As particularidades que interessa conhecer, na lâmina, são: o entalhe de mira, a graduação com as linhas de fé, e os engrazadores.

O entalhe de mira é o corte triangular praticado superiormente na parte da lâmina oposta ao pé, e pelo qual se faz a visada.

A graduação acha-se inscripta na face superior e comprehende duas séries de números, impares e pares, separados uns dos outros por pequenos traços de referencia ou linhas de fé, que indicam a posição a dar ao cursor para apontar a arma até 2.000 m. Os números impares grupam-se à direita, os pares à esquerda.

Série impar: 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19.
Série par: 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20.

Os engrazadores são pequenos cortes verticais, paralelos e de igual espaçamento, abertos de um e outro lado, ao longo da lâmina. Servem para fixar o cursor nas diferentes alturas da alça.

14 — A mola da alça (fig 5) prende-se pelo rebordo afiado de uma de suas extremidades a uma ranhura praticada no alojamento respectivo, entremontante, e é livre na extremidade oposta, pela qual tende constantemente a manter a lâmina abaixada, premindo-a pelo talão.

O pequeno rebaixo que se nota em sua face superior tem por fim permitir ajustá-la em seu alojamento ou d'elle retirá-la em caso de ruptura ou funcionamento irregular.

15 — O cursor (fig. 6) é uma pequena peça móvel na lâmina, ao longo da qual desliza para, apoiado nos montantes, dar ao entalhe de mira a altura correspondente à distância de tiro. É constituído por um corpo, fendido no sentido da menor dimensão para dar passagem à lâmina, dois detentores (fig. 7) e duas pequenas molas em hélice, que a estes accionam.

Formam os detentores duas hastas ligeiramente curvas, terminadas em um extremo por uma cabeça e no outro por um dente de forma apropriada à dos engrasadores.

As cabeças dos detentores, serrilhadas, para evitar o escorregamento dos dedos e as molas alojam-se em cavidades próprias praticadas de ambos os lados do corpo do cursor.

16 — A manobra da alça reduz-se à do cursor.

Assinalada a distância, para obter a altura de alça respectiva, primem-se com o polegar e o indicador direitos as cabeças dos detentores com o que as molas se contrahem e os dentes fogem dos engrasadores, e move-se com o cursor num ou outro sentido até fazer coincidir seu bordo anterior com a linha de fé do numero representativo da distância, tendo o cuidado de observar que a linha de fé de um numero é a que se acha imediatamente abaixo dele.

17 — A successão dos numeros nas duas séries da lâmina, indica estar a alça graduada para distâncias de 100 em 100 m. Para ter a altura da alça relativa a uma distância intermediaria, levase o cursor ao menor dos numeros entre os quais a distância está compreendida, avançando-o em seguida de uma quantidade, que se estima a olho, igual à metade do intervallo que o separa do

número imediatamente superior ao primeiro na série oposta. (1)

18 — A alça mínima inicial ou alça de ponto em branco (300 m.) corresponde à posição limite do cursor à retaguarda, isto é, à lâmina deitada.

19 — Entre as posições extremas dadas pelos limites da graduação, gira a lâmina de um arco de círculo de 24°, o que faz entrar a alça descrita na categoria das alças de quadrante.

Maça de mira

20 — A maça de mira (fig. 2, b), pequeno ressalto de secção triangular, munido de um pé, é solidaria com um dispositivo que lhe serve de suporte, nas proximidades da boca. Consiste tal dispositivo em uma peça inteiriça (fig. 8) formada por um anel, soldado ao cano, e um prisma ou embasamento da maça de mira, que nela se encaixa pelo pé. Na parte voltada para o atirador, é o embasamento talhado em rampa, com o que não haverá interceptação da visada e, para evitar efeitos de luz prejudiciais à pontaria, são as peças todas despolidas.

Como para a alça, um pequeno parafuso de fixação (fig. 2, c), ligando o embasamento e o anel ao cano, mantém a inalterabilidade do conjunto numa eventualidade de fusão da solda.

21 — A aresta superior da maça de mira fornece em sua parte mais elevada um ponto pelo qual deve passar o raio visual que o atirador dirige pelo meio do entalhe da lâmina ao apontar a arma: é o ponto ou vértice de mira. A linha assim determinada e prolongada até o alvo, denomina-se linha de mira ou linha de visada do atirador.

§ 2 — Caixa da culatra PRANCHAS I

22 — A caixa da culatra (fig. 9), representa o papel de intermediário na ligação das diferentes partes constitutivas da arma. Ajusta-se ao cano, por atarrachamento, recebe a totalidade dos mecanismos, e presta-se a fixar o conjunto na corona.

Divide-se em parte anterior, corpo, parte posterior ou ponte, e canda.

23 — A parte anterior acha-se inteiramente organizada em vista do fechamento da culatra, em que é directamente interessada. Formas internas: porca do cano, alojamento dos travadores, contra-fortes, rampa de acesso do cartucho.

Externamente: ressalto de transmissão do recuo, porca do parafuso da ponta do deposito.

Porca do cano (fig. 9). Extende-se à metade anterior para receber o cano pela rosca correspondente da extremidade da culatra.

Alojamento dos travadores (fig. 9, b). Cavidade circular em que trabalham os travadores da cabeça do forro. É provido de duas rampas helicoidais que facilitam o giro dos travadores nos movimentos de abrir e fechar a culatra.

Contra-fortes. São as duas paredes, uma superior e outra inferior, do alojamento dos travadores, de encontro às quais estes se escoraram para resistir ao desculatramento.

Rampa de acesso do cartucho, (fig. 9, c). Superfície inclinada para o lado do deposito, destinada a facilitar a introdução do cartucho na

(1) — A antiga alça do fuzil alemão era a este respeito muito mais completa. O meio dos intervallos de 100 m. era assinalado por um traço curto, sem numero. Os engrazadores eram além disso, dispostos para dist. de 50 em 50.

Resalto de transmissão do recuo (fig. 9, d). Peça que torna solidaria a corona com o movimento do recuo do cano, no acto do tiro. Disposto transversalmente à caixa, na face externa inferior, ajusta-se a um contra resalto correspondente, na corona (para-choque da corona).

Porca do parafuso da ponta do deposito (fig. 9, e). Corresponde ao meio do resalto, e em seu contorno externo encaixa-se o bico da ponta do deposito, atravessado pelo parafuso respectivo.

24 — No corpo, porção média e descoberta da caixa, notam-se: abertura de carregamento, rebaixo de carregamento, passagem do cartucho, corredicas dos travadores.

Abertura de carregamento (fig. 9, f). E' a interrupção que apresenta a caixa em sua cobertura, para permitir a manobra de encher o deposito.

Rebaixo de carregamento (fig. 9, g). Depressão na face esquerda da caixa junto à ponte, para favorecer o movimento do pollegar direito ao calcar os cartuchos no deposito.

Passagem do cartucho. Abertura trapezoidal situada inferiormente à abertura de carregamento, e através da qual o cartucho entra ou sae do deposito.

Corredicas dos travadores. Superfícies apropriadas ao escorregamento dos travadores, no movimento alternado do ferrolho. Prolongam-se da ponte à parte anterior da caixa da culatra, sendo a do travador direito, ao mesmo tempo, corrediça do extractor.

25 — A ponte (1) forma uma segunda abertura à retaguarda da caixa, cuja solidez ella aumenta. Offerece internamente as seguintes formas: corrediça da nervura-guia do ferrolho, alojamento do travador de segurança, passagem do rétem e do ejector; e externamente: receptor do carregador, suporte do rétem do ferrolho, recorte-guia da alavanca.

Corrediça da nervura-guia do ferrolho (fig. 9, h). Sulco longitudinal aberto na espessura da parede superior.

Alojamento do travador de segurança. Cavidade, com rompa de escorregamento, praticada na face inferior.

Passagem do rétem e do ejector. Entalhe lateral, à esquerda, formado de uma janella rectangular e uma fenda horizontal, aproveitando à introdução desses orgãos.

Receptor do carregador. (fig. 9 i). Reentrância anterior, de angulos adoçados, na qual se fixa a lâmina porta-cartuchos no municiamento do deposito.

Suporte do rétem do ferrolho. E' constituído por dois resaltos sobre-postos, appensos lateralmente, à esquerda.

Os resaltos trazem dois furos em correspondência, para o pino de articulação do rétem e são separados para receber o ejector.

Recorte-guia da alavanca. Superfície da face posterior, ao longo da qual desliza o pé da alavanca do ferrolho, na rotação da peça.

26 — Na cauda, extremidade afilada da caixa da culatra, apresentam-se: superiormente, a corrediça do reforço do cilindro (fig. 9, j) e a corrediça do resalto da nóz situada abaixo da primeira;

correspondendo ao meio, o orifício do dente do gatilho, aberto na corrediça da nóz; e na face inferior, limitando-a de uma parte o anilho (fig. 9, k), peça de articulação do corpo do gatilho, e de outra a porca do parafuso da canda do deposito (fig. 9, l).

(Continua)

O cavallo de guerra

Com a devida venia, transportamos para as nossas columnas o interessantíssimo artigo que o Dr. Augusto Fomm publicou no *Criador Paulista* e a Revista de V. e Zootechnia transcreveu no seu n. 5, Anno II, 1912.

Breve estudo sobre a criação do cavallo de guerra em S. Paulo — é o título deste trabalho.

Introdução

Les pages qui suivent s'adressent à tous ceux qui aiment le cheval, à tous ceux qui veulent l'avoir, à la fois bon, noble et beau.

De tout temps, le fantassin s'est attaché à perfectionner son fusil, l'artilleur à améliorer son canon.

Les cavaliers militaires, au contraire, se sont trop souvent désintéressés de la fabrication du cheval.

Aussi je les convie tous, cavaliers, artilleurs, officiers d'état major, qui auront, en manœuvres et en campagne, à se servir sûrement d'un cheval, je les convie à joindre leur effort au mien, pour le bien de l'armée et de la patrie.—GÉNÉRAL DUBOIS.

Adopto para epígrafe deste pequeno trabalho a introdução com que o General Dubois acaba de apresentar ao público sua obra *La crise du demi-sang français*, recentemente editada, e faço-o com tanto mais razão, quanto essa valiosa opinião vem corroborar o que escrevi em 1909 no *O Criador Paulista* e que peço licença para aqui reproduzir, pela natural satisfação que sinto, ao ver confirmados os conceitos externados nessas despresticiosas linhas, por uma patente superior do glorioso exercito francês:

«A reorganização do exercito nacional, essa grande obra de elevado patriotismo, em boa hora iniciada pelo actual Governo da Republica, deixaria de ser completa se, ao lado do serviço militar obrigatório e da adopção de armamentos aperfeiçoados, se não tratasse também do melhoriaamento da nossa raça cavallar e da criação do *cavallo de guerra*, que tanto é arma de combate, como o são o canhão e o fusil; se pois elemento é de victoria o aperfeiçoamento desses engenhos mortíferos, não o é menos o do animal destinado ao transporte das forças e à tração da artilharia».

No que se segue muitas opiniões alheias são apresentadas e transcriptas. Não se deve estranhar que assim proceda quem, como eu, está convencido das verdades que avança, mas, por

(1) — Parece-nos apropriado conservar este qualificativo para a parte posterior da caixa da culatra, não só porque elle lembra um de seus atributos — servir de passagem à cabeça do ferrolho — como para manter o acordo com a designação francesa de *pont de culasse* e a alemã de *Hülsenbrücke*.

falta de autoridade, necessita do apoio de especialistas para justificar o seu modo de pensar e a sua orientação sobre o assumpto e dar-lhes o valor que, sem esse poderoso arrimo, não teriam.

E' natural, pois, que eu me procure abrigar sob a egide de homens reconhecidamente mestres na questão, afim de levar a convicção aos que me lerem, tanto mais que julgo o assumpto de excepcional relevância e que, no meu modo de pensar de sempre, entendo que o amor á criação do cavalo nacional forte e veloz, robusto e sadio, sobrio e rustico, está intimamente ligado ao amor á patria.

Para tornar mais methodica a leitura deste pequeno estudo e talvez menos fastidiosa, dividi-o em sete capítulos. No 1º, procuro definir o que é o *cavalo de guerra*; no 2º, indico detalhadamente a conformação que deve ter o tipo superior do cavalo; no 3º, tento explicar o que significa a expressão *sangue* com relação ao cavalo; no 4º, dou idéa dos reproductores de puro sangue, arabe, inglez e anglo-arabe; no 5º, investigo a origem das nossas eguas e chego á conclusão de que descendem do arabe; no 6º, trato da escolha dos reproductores, indicando os que devemos preferir e o resultado a que chegaremos, conseguindo o «anglo-arabe nacional» e, no 7º, finalmente, estudo a união dos reprodutores, em vista do *sangue* que deverão ter os productos e o modo pelo qual deverão estes ser criados.

I. — Cavalo de guerra — *O cavalo de guerra* não é, como podem suppôr aquelles que desconhecem a expressão, um animal destinado unicamente a servir nos exercitos e criado para enfrentar o fogo e os perigos das batalhas. Longe disso, o *cavalo de guerra* nada tem de belicoso e só pode prestar ao mais pacato dos lavradores inestimáveis serviços, quer como animal de sella, quer como de tiro leve. O que a expressão *cavalo de guerra* significa é que o animal, a que ella se refere, é capaz de servir na guerra e, portanto, é apto a effectuar os mais arduos e pesados trabalhos, taes como longas marchas, galopes forçados, saltos de vallos e cercas, travessias de rios a nado, etc., soffrendo muitas intempéries, apezar de carregar 75 kilos no mimo, ou de arrastar a galope, morro acima, pelos trens de artilharia.

Esse animal deve, pois, ser dotado de inúmeras qualidades physicas e moraes, como saúde, robustez, velocidade, força, rusticidade, sobriedade, mansidão, docilidade, vivacidade, inteligencia, endurance, etc. E' portanto, um animal superior e, desde que só pode prestar os pesadíssimos serviços exigidos pelos exercitos, em tempo de guerra, com mais forte razão só pode prestar os que, em tempo de paz, são requeridos por qualquer civil.

O *cavalo de guerra* é, como se vê, um cavalo ideal, cuja criação se impõe entre nós, como se tem imposto em outros paizes, onde ella se acha hoje vantajosamente adiantada, com o typo escolhido e assentado.

Esse typo só pode variar em altura e corpulência, mas obedece sempre a determinadas condições de construcção, de equilibrio e de proporções entre as diversas partes componentes, porque, como diz Gayot: (1) «O cavalo é um mo-

tor vivo, isto é, uma machina organizada, que busca suas forças na sua origem e na sua estrutura, que as renova pela alimentação, e cujas aptidões são applicadas á satisfação das necessidades do homem.

O efecto util de um motor depende das condições que lhe são proprias, ou, por outras palavras, da natureza dos materiaes que o constituem e do seu modo de agir.»

Variando o efecto util do motor com a natureza dos materiaes e com o modo de funcionamento das diversas peças, segue-se que existe um typo que é o superior, isto é, o que produz mais efecto util. Esse typo é o do *cavalo de guerra*, no qual o sistema osseo deve ter a resistencia precisa e a disposição mais adequada á força, á velocidade e á durabilidade.

Nesse animal bem equilibrado, nesse motor bem construído, «as engrenagens se adaptam bem umas ás outras e, se elle fôr animado por um sistema nervoso sufficientemente capaz, seus movimentos serão faceis e elle fornecerá com facilidade grande somma de trabalho, ao passo que um outro, desequilibrado, se fatigará mais. Este terá os movimentos menos faceis; em pouco tempo estará desconjuntado e ficará imprestável prematuramente.» (1)

Definido o que é o *cavalo de guerra*, que constitue o typo superior, vejamos detalhadamente como deve ser elle construído, de forma a poder produzir o maximo do efecto util.

II. — O typo superior — **Cabeça** — A cabeça, cuja conformação é, muitas vezes, o indicio da raça a que pertence o animal, deve ser bonita e expressiva, para o que será descarnada, com a testa larga e os olhos grandes, bem abertos, vivos e de olhar franco e intelligente. Sua direcção com o sólo será approximadamente de 45º. As orelhas deverão ser pequenas, moveis, bem plantadas e convergentes. O chanfro deverá ser largo, como a testa, e direito, de forma a não reduzir a amplitude das fossas nasaes. As ventas deverão ser bem abertas, dilatando-se facilmente. A nuca tambem deverá ser larga. Ao contrario, o focinho será pequeno e de beiços rijos.

Pescoço — Deverá ser comprido, ligeiramente arqueado, com a convexidade para cima, ou direito, formando com a horizontal um angulo de cerca de 45º.

Cernelha — Sendo bem destacada, impede que o sellim corra para a frente e dá á cabeça uma posição elevada e graciosa.

Dorsó — Deve ser curto e horizontal, para bem supportar o peso do cavalleiro. Essa linha só pode ser comparada á de uma barra, com as duas extremidades apoiadas. Quanto mais afastados forem os pontos de apoio, mais cederá ella ao peso e menos resistencia oferecerá. Eis sobre este ponto importante a opinião do Coronel Basserie (2): «Se o cavalo tem o dorso curto e a região dos rins musculosa, tudo se lhe torna facil. Vigoroso nas subidas e firme nas descidas, se trota, parece que seus pés apenas tocam o solo... Mesmo defeituoso dos membros, elle não cae; os musculos da região dos rins o contêm, se elle commette uma falta.

Mas se, mesmo possuindo as outras excelentes condições de pernas, palhetas, ancas, pei-

(1) *Achat du cheval* — Eugéne Gayot.

(2) *Le meilleur modèle* — A. Boitelle.

Le cheval comme il faut. — Coronel Basserie.

lo, pescoço, etc., o animal, cavalo ou equa, tiver dorso longo ou fôr sellado e a região dos rins streita, entre os dous flancos, elle não servirá para o trabalho pesado, nem da sella, nem do tro. Fraco nas subidas, as descidas lhe serão em suppicio. Se tropeça, os musculos da garupa, muito afastados das palhetas, são incapazes de sustar, e o animal se levanta coroado (*couronné*) (1). Se, entretanto, elle fôr dotado de bastante energia para evitar esse desastre, nem por isso deixará de ficar imprestável, dentro de pouco tempo.

Montado, o cavallo de dorso comprido não tem andares. Seus movimentos são vagarosos, pesados, sacudidos e incomodos ao cavalleiro.

Garupa — Deve ser comprida, musculosa, larga, cheia e formando com a horizontal um angulo não superior a 28°, por isso que, quanto menos aberto fôr o angulo, melhor será a conformatão do animal, em relação á velocidade.

«Nos grandes corredores de galope compassado e demorado (os *stayers*) encontra-se a garupa inclinada entre 25° e 28°. E' essa a boa inclinação média; ella approxima-se da horizontal em grande numero de *flyers* e em especialistas *to trotting*.» (2)

Cauda — De inserção alta, deve ser abundante de pelos sedosos e offerecer resistencia, quando se pretender levantar-a; portanto, sendo a força muscular a mesma em todo o sistema do animal, desde que a cauda se apresente musculosa, é porque igualmente todo o organismo o é.

(Continua)

(1) De joelhos esfolados.

(2) *Traité d'Hippologie*. — J. Jacoulet et C. Chomel.

Do Contestado

Observações colhidas nas operações da column sul (*)

18 — Materiaes de toda a especie

(Conclusão)

Material de sapa — O material de sapa da infantaria principalmente destinado para fortificação de campo de batalha, difficilmente poderá ser assim empregado na guerra dos sertões.

Graças a sua portatilidade, constituiu um recurso que se tinha sempre á mão para execução dos pequenos trabalhos de acampamento e mesmo, quando tempo permitia, de ligeiras obras de fortificação.

Todos os demais serviços dessa natureza exigiam um material de sapa mais forte, e portanto mais pesado, que em expedição desta natureza, não deve deixar de acompanhar as tropas. Um batalhão de infantaria quando operar isoladamente necessita pelo menos de 100 ferramentas (40 a 50 pás, 20 a 25 alviões, 20 foices, 10 machados e 10 enxadas) para poder executar sem o auxilio de tropas técnicas, reparações de caminhos, construção de estivados e pontilhões, movimentos de terra, etc.

Marmitas thermicas — Se fosse possível contar sempre com estradas carroçaveis, o carro-cosinha, puxado a dois animaes, devia fazer parte integrante do trem de combate dos batalhões de infantaria e unidades correspondentes das outras armas A marmita thermica, cujo transporte se faz em cargueiros, torna-se entretanto entre nós mais util, pela sua adaptação a todos os casos. Um par de marmitas, contendo 100 rações, constitue a carga de um muar, que pode assim transportar a refeição de uma companhia. Sempre adoptei como regra, para maior variedade da alimentação, attribuir dois pares de marmitas thermicas a cada uma destas unidades. Um cosido de carne e o café, preparado de manhã no acampamento, era servido ás praças no primeiro alto, ainda quente.

Foi este um recurso muito valioso nas minhas marchas, sendo apenas de lamentar que todos os corpos não dispuzessem igualmente do mesmo.

Arreiamento — O emprego do arreiamento na arma de infantaria se restringindo em geral ás marchas, e sendo esta a unica arma que na columna do sul se achava dotada do novo modelo de arreiamento não posso firmar sobre este juizo definitivo. Acredito, porém, pelo que me foi dado observar, que o referido arreiamento com ligeiras modificações, se tornará invejável relativamente áquelles que temos utilizado até agora, em que peze á grita dos seus adversarios.

Muitos defeitos que alguns officiaes conclamam se encontrarem nelle, me pareceu mais resultante de uma confecção essencialmente má e do emprego de um material de qualidade condenável do que do sistema propriamente. Aliás se assim não fosse, não é de crer que a cavalaria de um grande exercito, como o francez, com a experienca de continuadas campanha em suas colonias e varias outras demonstrações praticas, persistisse no erro do seu emprego.

A par de uma boa esthetic, o arreiamento em questão apresenta tambem a grande vantagem de ser muito commodo, em comparação com o que temos possuido até a presente data.

Os unicos defeitos que nos permittiram observar nelle as marchas que fizemos, empregando-o, resumem-se em tres.

Para as marchas atravez de uma região essencialmente montanhosa, como a que tivemos de atravessar no transcurso desta campanha o primeiro defeito que encontrei no novo modelo de arreiamento foi a falta de uma peça qualquer, como a cincha, por exemplo, que não permittisse o deslizamento da sella sobre a cernelha do animal.

Esta falta que já se revelava nos terrenos mais ou menos planos, avultava sobremodo nas descidas de serra, trazendo como consequencia a necessidade da recondução da sella para o seu verdadeiro logar.

Outro defeito que nos foi dado observar, no novo arreiamento consiste na inexistencia de um dispositivo qualquer que mantenha a manta em sua verdadeira posição. Da falta deste dispositivo resulta que a manta, seja o terreno dobrado ou plano, vae pouco a pouco deslizando para a retaguarda e não tarda que fique completamente assentada na garupa do animal, facto este que vimos frequentemente reproduzido.

O terceiro defeito, finalmente, que encontrei no nosso novo arreiamento consiste no sistema

de aprisionamento da cilha. Acho muito mais pratico o emprego de lategos lisos, usado no nosso antigo arreiamento, do que o dos lategos com furos para o afivelamento, porquanto partido um destes lategos o seu concerto ou substituição só poderão ser feitos por um profissional.

Cangalhas — As denominadas cangalhas militares fornecidas aos pelotões de trem produziram tais ferimentos logo no seu primeiro dia de uso nos garrotes e flancos dos animais de carga, que foi necessário abandoná-las e substituí-las pelo tipo "Caboclo" usado pelos tropeiros civis. Acho que se deve com os subsídios fornecidos pela experiência da presente campanha confeccionar um tipo em que se remova os defeitos observados.

A meu ver o defeito principal dessas cangalhas é que elas não são fabricadas para o tipo médio do nosso muar, e em vez de se adaptar a cangalha ao animal se quer forçadamente adaptar o animal à cangalha.

Tive no entretanto ocasião de observar que as cangalhas usadas pela nossa artilharia de montanha se adaptam perfeitamente aos nossos muares não produzindo o mau trato dos outros, e se prestam também ao transporte de cargas, permitindo assim a secção de montanha que fez parte da minha columna, utilizar para seu abastecimento, os animais e arreiamentos próprios, durante o tempo em que esteve inactiva.

As cangalhas e arreios adoptados para o transporte das metralhadoras sugeriram ao aspirante João Pereira de Oliveira, as observações seguintes;

a) cangalhas — Quer os suadouros, quer a armadura de ferro das cangalhas destinadas ao transporte das nossas metralhadoras e material correspondente, apresentam certas falhas que podem ser facilmente remedias.

O grande defeito dos suadouros das nossas cangalhas consiste nas suas exageradas dimensões. Para tornalos, com efeito perfeitamente adaptáveis ao dorso do nosso solipede de carga, que é o muar, em geral pequeno, torna-se inadiável que os diminuamos. Aliás, não era mister esta campanha para que eu ficasse absolutamente certo de que os suadouros das nossas cangalhas são mais apropriadas aos grandes solipedes europeus do que aos nossos muares, porquanto eu disto já me havia convencido em quatro annos de intensivos exercícios e manobras continuadas nas companhias de metralhadoras em que tenho servido como instructor.

Com relação á armação de ferro das cangalhas, penso que a articulação dos arções deveria permitir maior fechamento das chapas, em primeiro lugar. Em segundo lugar, entendo que a extremidade inferior dos ramos dos referidos arções deveria facultar mais ampla approximação dos ramos dos estribos das abas dos suadouros, afim de evitar que um dos costados da carga tenda a ultrapassar a linha do dorso do animal, isto é, afim de evitar que a carga vire, como se diz em linguagem vulgar, facto este que tenho tido occasião de observar, principalmente quando a cilha não se encontra perfeitamente apertada e um dos costados da carga é mais pesado do que o outro, como acontece ao consumir-se a munição contida em uma única fita-cartucheira.

b) arreios — Os nossos arreios se resentem dos mesmos exageros de dimensões dos suadouros das cangalhas. A retranca e o peitoral, com

especialidade, são excessivamente grandes nos nossos muares em geral, não pondo este motivo, prestar os serviços que proprios, sem uma necessaria dimensão, corte, como tive ensejo de proceder panhia de metralhadoras.

Por outro lado, a existencia entre elles de uma unica cilha não me parece justificavel, prejudicar no futuro o historico das empregos de uma unica cilha, sobretudo naquela região essencialmente montanhosa como a que temos de percorrer durante toda esta campanha.

A primeira vista pôde parecer conveniente ser facilmente removida a retranca e o razicho; não é justo lançar-se mão deste expediente, quanto de uma grande tensão do rabicho resultará necessariamente apisoamento do consequencia do attrito forte e excessiva tensão da retranca resultando, senão tambem entrave dos membros posteriores do cargueiro.

E' mistér, por consequencia, que os inconvenientes apontados, aceitai-se antes o emprego de duas cihas, ligadas por um dispositivo qualque-

A primeira, auxiliada pelo peitoral, servido o papel de não permitir que deslide para a retaguarda, nas subidas leigamente auxiliada pela retranca, o papel de impedir que a cangalha do animal, nas des-

Com a applicação desse sistema, podendo assegurar a perfeita conservação da cangalha no seu verdadeiro lugar, pois é com o sistema ou menos analogo que tive occasião de nosso tropeiros atravessarem montanhas sem a preocupação fadigosa de estar a momento normalizando a collocação das cangalhas.

Relativamente á maneira como deverão presas as cihas, sou antes partidario do emprego das guascas utilizadas no nosso antigo arreiamento de cavallaria, do que das correias ponta e fivelas, usadas no nosso arreiamento metralhadoras. Quando outras razões não corressem para que assim pensasse, bastaria de poderem ser as guascas confeccionadas a qualquer pessoa, o que não acontece com as correias referidas, que requerem para sua fecção a proficiencia de um corrieiro.

c) manta — A inexistencia de uma manta no nosso arreiamento de metralhadoras me põe grave falta que não encontra motivo que a tifiquem. O contacto directo dos suadouros ao lombo do cargueiro, acarretará com resultado inevitável, no minimo um forte endurecimento do encimento dos referidos suadouros. Este recimento provirá principalmente de emborrachamento em questão do suor das abas das vezes acrescido da poeira que a cilha encontra sob os pellos deste, quando os soldados se descuidam de rasqueal-o e convenientemente, o que será muito bastando para isso que o oficial passar uma revista antes das marchas.

Não é lícito objectar que a manta, poderá ficar endurecida com o suor, porquanto a sua limpeza pode

ser feita, na limpeza da qual se procede da seguinte maneira:

ira escripturação de campanha — No

perder tempo, de não distrahir o pessoal combatente, e ao mesmo tempo prejudicar no futuro o historico das campanhas, é preciso prover aos quartéis-generales de destacamentos, e o estado maior dos corpos de ordens do Estado-Maior, e bloks folhas picotadas para as ordens de movimentos, combates, comunicações etc. Esse bloks devem ser acompanhados de papel carbono para que todas as s a lapis fiquem devidamente revindo também imprimir os dizeres vindos a ca quartel-general, serviço auxiliar de tropa.

Com papel de desenho para o croquis na campanha, os bloks de 0m,26 x 0m,20 de 1/25.000 que devem acompanhar todos os quartéis-generales e partes de combate, podem ser sujeitas à disciplina militar, é indispensável que

ellas sejam cuidadosamente observadas nas revisões, jornaes, e outras publicações que se fazem sob a responsabilidade de membros do Exercito.

Se tais restrições não podem ser mantidas na imprensa que admite o anonymato, ou cuja responsabilidade corre por conta de pessoas não sujeitas à disciplina militar, é indispensável que

ellas sejam cuidadosamente observadas nas revisões, jornaes, e outras publicações que se fazem sob a responsabilidade de membros do Exercito.

Isso não impede a analyse e a critica, exigindo que a linguagem empregada tenha o condimento e a elevação necessários, para que o estudo do assumpto não desça ao ataque individual, e a pretexto de critica, não se exponham camaradas ou superiores ao ridículo e ao motejo.

Como exemplo recente do esquecimento desses princípios pode-se citar a publicação de uma conferencia feita em um quartel, e na qual a critica de um regulamento não conservou o carácter impreesso que convinha; e mais recentemente um artigo da revista *Defesa Nacional* sob o título — exames de batalhão — em que seu autor, socorrendo-se do humorismo, procurou expor ao ridículo não só as autoridades como os próprios officiaes dos batalhões que se apresentaram para exame de evoluções de suas unidades.

Declaro pois em boletim do Exercito que eu chamo a atenção dos officiaes para as disposições do art. 431 do regulamento acima citado, e especialmente para seus §§ 11 e 12, sendo dignos de severa censura os officiaes que constituem a redacção da revista citada que não devião permitir a inserção de tão inconveniente artigo.

Saudade e fraternidade. — José Caetano de Faria.

«Em resposta ao meu officio n.º 435, de 17 do corrente, acaba o Sr. general commandante da 3ª brigada de artilharia de enviar-me as declarações feitas pelos capitão Epaminondas de Lima e Silva e primeiros tenentes Bertholdo Klinger e José Pompeu de Albuquerque Cavalcanti, responsabilizando-se pelo artigo publicado no ultimo numero da revista militar *A Defesa Nacional*, sob o titulo «Exames de batalhão», como redactores, que são, da alludida revista.

Já alguns jornaes desta capital, em noticia que não foi contestada, tornaram publico declarações identicas e acrescentaram que os redactores responsaveis, como solidarios que eram, não divulgariam o nome do autor do artigo.

Na classe militar uma tal manifestação de solidariedade e tão affrontosa declaração de participação collectiva na responsabilidade, partindo de officiaes, constitue, só por si, acto da mais alta indisciplina e de maior insubordinação

nsura severa, prisão correccional e cancellamento

virtude da publicação, em nosso numero, do artigo "Exames de Batalhão" sobre notas absolutamente impressões colhidas por alguns minandos, foram os redactores da censurados severamente pelo

do que o commettido pelo autor do artigo que em depremente posição ora é acastellado por tão dignos companheiros.

E' bastante lamentavel que justamente na occasião em que intellectuaes de nossa patria, e os mais ardorosos patriotas de todas as classes se congregam na communhão de esforços pelo levantamento das forças armadas, apresentando-as aos nossos concidadãos, não como um amontoado de individuos de farda, sopitados de desejos e ambições, afastados do convivio da nação, mas sim amantissimos filhos que, agarrados á bandeira, procuram collaborar para o engrandecimento da patria commun, demonstrando corresponder, assim, aos sacrificios da nação, nunca regateados, tal manifestação collectiva tenha ocorrido.

A *Defeza Nacional*, revista de militares, redigida por militares, não tem, todavia, justificado tão suggestivo titulo, nem tão pouco correspondido á expectativa dos que a subsidiam; porque as discussões mais inconvenientes nella têm tido inicio, como ainda há pouco se viu, e vão terminar na imprensa diaria, com grave prejuizo para a disciplina militar.

Não satisfeitos com tão estereis discussões e as dissensões entre os camaradas, acharam proprio o momento de iniciar a campanha dos insultos soezes, das críticas petulantes e philau-ciosas e das ironias vis, até contra as mais altas patentes do Exercito, a propósito da instrução e da administração.

E, como não seja admissivel que factos tão aggressivos fiquem impunes e na impossibilidade de applicar rigoroso castigo ao autor do insolito artigo, determino que sejam os officiaes que se declararam responsaveis, presos por 25 dias, sendo o capitão Lima e Silva, na fortaleza de S. João, 1º tenente Bertholdo Klinger, no 3º grupo de obuzes, e 1º tenente Pompeu Cavalcanti, no 3º regimento de infantaria.

Com a maior segurança affirmo aos meus commandados que empenho os melhores esforços para manter com toda a amplitude a disciplina e justiça proprias á dignidade do cargo que occupo e positivamente não sacrificarei o culto dessas virtudes militares ás attracções da popularidade. — *Pedro Augusto Pinheiro Bittencourt*, general de divisão.»

Ministerio da Guerra. — Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1915. — N. 214 — Sr. Comendante da 3ª Divisão:

Em officio n. 427 de 12 do corrente me comunicastes a publicação na revista *Defeza Nacional* de um artigo offensivo á disciplina; supondo que nem todos os responsaveis pertenciam á Região sob vosso commando, resolvi censuralos severamente em boletim do Exercito, conforme vos communiquei em aviso n. 1591 de 17 do mesmo mez.

Chegou porem ao meu conhecimento que todos os officiaes que compõem a redacção daquella revista são subordinados á vossa autoridade, pelo que resolvestes prendelos; estando assim o caso resolvido nos limites de vossas attribuições, não ha razão para qualquer outra punição; por isso resolvi mandar ficar sem efecto o aviso que deveria ser publicado em Boletim do Exercito.

Saudade e fraternidade.— *José Caetano de Faria.*

Sociedade Hippica Brazileira

Com o objectivo principal de concer de todos os modos possiveis para desenvolvimento do hippismo no Brasil fundou-se um club nesta capital a 29 de Junho proximo passado, tomando agora nome acima.

A sociedade procurará manter relações com as congeneres nacionaes e estrangeiras, terá representantes nos Estados, criadores, construirá dependencias appropriate ao ensino e cultivo da equitação, bem como instalações adequadas a receber e tratar animaes, organizará exposições de animaes á venda e promove concursos e mais festas hippicas.

E' um programma completo. Seu enunciado dispensa palavras que encareçam a nossos leitores as patrioticas intenções desse empreza e accentuem sua significação para o desenvolvimento numerico e qualitativo da nossa população cavallar, elemento essencial do nosso poder militar.

LIVROS RECEBIDOS

Manual Flavius, pelo major João Nepomuceno da Costa, I volume: *Reconhecimento e exploração* para uso dos officiaes inferiores do exercito em reserva.

Artilharia de campanha, pelo 2º tenente Carlos de Andrade Neves. Idéas geraes sobre o tipo dos fogos, o emprego, a ligação, o terreno a instrução.

Gratos pela offerta.

EXPEDIENTE

As circunstancias do mez fizeram antecipar a substituição do nosso prezado companheiro Lima e Silva, como redactor effectivo. No impedimento parcial dos outros dois effectivos, os redactores substitutos acudiram á frente, evitando, como esse numero demonstra, «toda solução de continuidade na publicação e na orientação da revista.» (§ art. 5 dos Estatutos).

•

Art. 7º dos Estatutos — Aos redactores efectivos cabe a responsabilidade da edição, e aos colaboradores a das opiniões que emitirem os seus artigos.

•

Com o n. 26 fizemos a distribuição da *Carta de Griepenkerl* e com este fazemos a duas seguintes (16º e 17º).